TORRENTES

TORRENTES

ULTIMOS VERSOS

DE

THEOPHILO BRAGA

PORTO
CARNEIRO E MORAES—EDITORES
RUA DO ALMADA, 171.

Ultimos versos são os d'este livro, não que desapparecesse a veia occulta que os produziu, mas porque elles vem fechar o cyclo poetico da *Visão dos Tempos*. O volume das *Torrentes* remata uma obra longo tempo sentida, delineada e trabalhada; a força das circumstancias fez que saísse fragmentada, por series.

A *Visão dos Tempos*, aonde se descreveu o plano completo, foi bem accolhida por seu mal: roubou o auctor á santa obscuridade em que trabalhava, expondo-o á vileza de mal fundadas invejas.

Mezes depois as *Tempestades Sonoras* abriram uma nova serie, em que o pensamento da obra se ia realisando mais amplamente. Falou-se em ambos os hemispherios, mas os thuribularios officiaes acordaram no meio do enthusiasmo, vendo que se erguia uma sombra em volta da sua gloria. Os applausos da vespera transformaram-se em tripudio de rancor e em vergonhosas palinodias. O obreiro voltou para a sua mina, a proseguir no trabalho lento, mas não já socegado.

A terceira serie, a *Ondina do Lago*, surgiu no fragor da polemica e de calumnias de toda a ordem dos que andavam agourando um contagio no gosto e na litteratura portugueza. O livro passou incólume; não falaram, não tiveram que dizer. A poesia da historia ficou inaugurada.

Hoje as *Torrentes* formam a ultima serie, a cupula d'este edificio concentradamente architectado.

Para melhor intelligencia dos varios poemas que vão adiante, aqui se designam as origens. Os amores dos Anjos, foram cantados já por Lamartine, e superiormente por Thomaz Moore. Mas o assumpto parecia intacto; o pensamento da lenda preadamítica ainda reservava uma occulta feição poetica. Quem ler o Livro de Enoch, (cap. 7 a 17,) e o Genesis, (cap. VI, 1,) conhecerá a historia d'esses anjos que se esqueceram do céo pelo amor das filhas dos homens. Samyaza é a poesia do soffrimento.

A Infancia de Homero completa o pensamento do poemeto a Velhice de Homero. E' uma simples vulgarisação das ideas de Vico. Todos os povos da Grecia querem a Homero por filho; a Iliada foi obra da sua mocidade, a Odyssêa a creação da velhice; elle foi pobre e tambem cego. Vico explica: Os povos da Grecia o adoptam porque vêem n'elle representado o seu caracter; não se sabe quando viveu, porque elle viveu cinco seculos na tradição oral; compoz na mocidade a Iliada, porque o poema da colera foi sentido pela Grecia então nova, quando os seus heroes eram quasi deoses pela força; a Odyssêa é o poema da sua velhice, porque a Grecia de Ulysses pertence á edade da reflexão; Homero foi pobre e cego, porque elle é a alma de todos os rhapsodos dispersos pelas cidades gregas, que repetiam inconscientemente, e para viverem, as tradições antigas. (Sciencia nova, Liv. III, cap. I a VII.) O poemeto é uma noite serena do archipelago; as vozes das brisas, das cigarras, dos mares, confundem-se em um côro immenso falando de Homero. Os rios dizem: Nós o vimos nascer, e confundimos seus primeiros vagidos. — As cigarras cantam: Nós lhe embalámos o somno povoado de sonhos encantadores. — As brisas murmuram: Nós lhe andamos espalhando as suas strophes. — Os mares: Nós o levámos de Ilha em Ilha. — E as Ilhas: Accolhêmol-o quando andava foragido, e lhe démos altares. A voz do Vesuvio, symbolisando a voz do philosopho napolítano, perturba o placido concerto fazendo eccoar: Não existiu Homero! Mas os rios,

os mares, as Ilhas, as virações, continuaram : Nós o vimos, nós o sentimos, porque elle era a alma de toda a Grecia.

O poemeto Arabesco de uma janella gothica nasceu de uma leitura da Divina Commedia. Dante foi accusado de sacrilego, pelos seus inimigos, por ter quebrado a grade do baptisterio de Sam João de Florença, para salvar uma criança que se afogava. O poeta allude ao facto, no Inferno :

Non mi parien meno ampi, nè maggiori,
Che quei, che son nel mio bel san Giovanni
Fatti per luogo de' battezzatori.
L'uno degli quali, ancor non è molt'anni,
Rupp'io per un, che dentro v'annegava ;
E questo fia suggel, ch'ogni uome sganni.
CANT. XIX, 6, 7.

O Bravo de Uiraçába, poema das antigas navegações portuguezas, é fundado sobre a Relação do Naufragio de Jorge Coelho de Albuquerque vindo do Brazil, que se póde lêr na Historia Tragico-Maritima, o livro da prosa mais bella e verdadeira que ha na lingua portugueza. A acção dos jesuitas revolucionando os selvagens contra o governo de Portugal, ainda no Seculo XVIII foi revelada pelo Bispo do Grão Pará : «unicamente tinham indios para serem senhores das aldeias, e sel-o-hiam de tudo se pudessem.» (Mem. p. 198.)

O Auto por desaffronta, é tirado da rubrica d'aquella farça que Gil Vicente compoz para se defender dos seus detractores.

O drama Poeta por desgraça, é a vida amargurada, e a morte não vingada do poeta da Arcadia, Pedro Antonio Correia Garção, sacrificado por ter involuntariamente ferido a vaidade do Marquez de Pombal.

A Vertigem do Infinito é um episodio da vida de Goëthe que toda a gente conhece ; escolhêmol-o para mostrar como o culto da arte eleva acima de todos os sentimentos da vida.

Eis a disposição em que devem de ser collocados todos os poemas que formam o plano geral da Visão dos Tempos:

HARPA DO ORIENTE: Stella Matutina — Na torrente de Cédron — A Sombra do Propheta — Sémida — Ave Stella! — O Masthodonte — A perola de Ophir — A Odalisca.

ANTIGUIDADE HEROICA: A Bacchante — A Nayade, — O Cyclope — Infancia de Homero — Velhice de Homero — As Ceias de Nero.

ROSA MYSTICA: Baptismo de fogo — Arabesco de uma janella gothica — Spasimo — O Extasis do Propheta — O Rosario.

CYCLO CAVALHEIRESCO: A Ondina do Lago — O Bravo de Uiraçába — A dor do leite.

EDADE DE FERRO: Auto por desaffronta — Poeta por desgraça — Vertigem do Infinito.

A SOMBRA DO PROPHETA

POEMA

Super flumina...

O venerando ancião morrêra, vendo
Os soldados do imperio arrebatarem
Sua tímida filha para as noites
Do palacio de Cyro. Emudecera.
Como a penha lascada pelo raio
Caíu prostrado ao instantaneo golpe!

JAHEL! JAHEL, a candida, a mais pura
Das virgens de Sião, vae, como a pomba
Nas garras do abutre, espavorida;
Nem sabe para onde. Só lhe lembra
Um pae, que vê inânime, por terra.

Tão nova, e só no mundo! Ella nascera
Embalada ao gemer do cativeiro,
No tumulto de Babylonia. Nunca
Vira os sitios cantados dos Prophetas,
Nem os rios sonoros, nem as rosas
Da campina de Sáron, os sepulchros
Sacrosantos dos velhos Patriarchas.
A saudade da patria fel-a triste,
Deu-lhe aos labios a voz do vaticinio,
Ao semblante a expressão de quem reflecte,
Face a face com Deos, sua grandeza.
JAHEL! JAHEL! a mãe que ao dia a trouxe,
Longos annos esteril, pranteava,
Morta de dor, por se não ver eleita,
Nem esperar que, um dia, do seu ventre
Visse a luz o bem vindo dos Prophetas.
Chorou tanto!

Faltava-lhe a esperança,
Bafejo genial, que a dor alenta,
E rasga aos olhos um provir grandioso.
Fôra uma vez para o deserto, attenta,
Vêr se a sombra de Elias se mostrava!

Entrou pelas cavernas do Carmello,
Falou a medo... E uma voz lhe disse,
Vaga, obscura, de um modo que imitava
O vendaval na aguda penedia:

« Quando em teu horto reflorir um lirio,
« Grato ao Senhor será tambem teu fructo. »

Santa mãe! a alegria vem doirar-lhe
A existencia de lagrimas que tinha.
Esperança! és aurora que rutila
Ao fim da noite tormentosa e lenta,
Vindo n'alma acordar concerto aério;
N'um lampejo furtivo tu destacas
A fimbria azul de um céo que mal se avista.
Ao ullular das tribus sob os ferros
Do cativeiro crú, viera unir-se
O vagido flebíl de uma criança.
Era JAHEL! Apresentou-a ao templo,
No templo aberto d'esse espaço livre;
Fez voto aí da sua virgindade.

Quem ousará tocar com mãos pollutas
N'esta rôla do altar do sacrificio?
Quem beberá no consagrado vaso,
Sem que leia a sentença da ruina?

I

Lá no palacio de marfim da Armenia,
Tudo luzes por dentro e harmonias
Da orchestra da loucura! Reis escravos
Fazem o séquito ao monarcha altivo.
Nas vastas quadras de luzente pórfido
Chovem flores e rosas desfolhadas;
Luz de uma cor suave se diffunde,
Qual sonho vago que a dormir se entreabre.
A immensidão das salas repetindo
O murmurio dos jorros d'agua, embala
O cansasso das horas de mais calma.
Bandos de hurís mais languidas de Tyro,
Cingidas no húmero as roupagens brancas,
Odor exalam de aloés e myrra.

As esphinges sustentam as columnas
Dos balcões do festim cobertos de ouro
E purpura de Sídon. Recostado
Ao sceptro, cravejado de diamantes
Que deslumbram a vista, entrára Cyro
Na pompa da sensual magnificencia!
Caminha e calca aos pés as flores, vindas
Dos occultos oásis, mais mimosas,
As mais raras, as mais aveludadas.
Cyro se encosta nos divans dormentes
Do mais tenue frouxel, e se repousa
De já tanto sonhar grandeza e assombro!
Mão delicada a chlamyde desata;
O corpo ungem com balsamos macios,
As donzellas o calcam docemente;
Dedos, braços estalam com blandicia.
Nem a serpente que as canções enleiam
Se enrosca mais quebrada. Brando orvalho
D'agua cheirosa a fresquidão derrama;
Dansas, suspiros, hymnos de triumpho,
Soltos licores, frenesim, ruido,
Tudo embriaga o monarcha do Oriente.

II

Mandou vir a cativa israelita
Cyro! E quer escutar a harpa saudosa
Da filha de Coré. Tel-a em seus braços...
Quer a Jehová roubar a flor divina
Que essa cativa ha consagrado. N'isto,
Sons confusos da orchestra annunciavam
Nos penetraes a entrada da donzella.
Como ella vinha palida e transida!
Cyro lhe pede que o seu véo levante,
Vae respirando soffrego esse enlevo;
A pureza infantil exalta o fogo.
Ungiram-na de um oleo perfumado,
E o rei, doido de amor, a acaricía:

« Jahel! Jahel, inclina-te em meus braços,
« Como se deixa ao sol caír o bago
« Das vinhas de Engadí na sesta ardente.
« Vem! das formosas foste a escolhida!
« No fulgor d'esse olhar abre-me a aurora.
« E' rico o ouro em pó que em teus cabellos

« Espalharam aqui; rico o arminho
« Com que quero elevar-te á realeza,
« Mas é mais bello ainda o que me escondes!»

III

Aproximou-se a escrava temerosa.
Como JAHEL coroada estava linda,
Viva, dengue, engraçada, pequenina,
Quasi á altura de um beijo! os olhos negros
Incendiando a paixão, nadando vagos
Na humida pupila adormecida!
Leve, flexivel como uma vergontea,
Era um pômo doirado pelas calmas
Do céo oriental; falta colhel-o:
Só não sabia o que era esse desejo,
Que deixa sempre uma anciedade n'alma.
Cyro ardia de amor diante d'ella,
Como as brazas de sandalo e de myrra
Que o recinto embalsamam com aromas,
Brandos aromas que á volupia incitam.

O rei, senhor de imperios, não se atreve
Ante o olhar de innocencia que o fascina!
Desvairam-no mil harpas sussurrantes
Que gemem na ala dos jardins suspensos:

« JAHEL, JAHEL, criança encantadora,
« Das virgens de Israel a mais sublime!
« Dá que te abraçe, nuvem que me foge;
« Quero vêr-te, aspirar tuas palavras,
« Oh, fala-me d'amor... Por que estremeces?»

Soltara-se JAHEL d'entre os seus braços
Como uma pomba quando bate as azas;
Lançou mão de uma cythara caída
No tapete das pelles de panthera,
Que revestia o gyneceu. As tranças
Em catadupas descem pelos hombros;
Parece a prophetisa quando clama
Á sombra das palmeiras do dezerto
Á consternada tribu uma sentença!
Olhos fitos no firmamento escuro
Assim cantava com a voz tranquilla:

SAMYAZA

OU

O AMOR DOS ANJOS

Threnos primeiro

I

« Amor! eterno Verbo de harmonia,
Saudação á luz, canto de vida,
Lei e força onde tudo principia.

Graça de quanto existe — reflectida
Nas numerosas formas que se enlaçam;
Unidade só na alma presentida.

Amor! Amor! por ti os orbes passam
Falando, arrebatados na cadencia,
Com reflexos que o infinito abraçam.

. . . .

Sem ti fôra impossivel a existencia,
Chimera a vida, absurda a realidade,
E a Substancia inerte sem a Essencia.

És torrente que inunda a immensidade;
Melodia do universal harpejo;
Prisma ideal da divina claridade.

Amor! Amor! teu cálido bafejo
Faz palpitar em festa a natureza,
Agitada de incognito desejo.

Polulla a flôr, esmero de belleza,
As virações embalam esse goso
Que a fecunda na edênica nudeza.

Volvem-se as aguas no ésto caloroso,
São as nupcias motivo de alegria;
Tu apressas o instante mysterioso
Amor! eterno Verbo de harmonia.

II

Foco brilhante d'esse Amor immenso,
Que em si concentra a chamma viva e pura,
É o Anjo, em seu cantico suspenso.

Ante o solio de Deos, por lá na altura,
Cantam os Anjos um louvor jocundo,
No timbre de uma célica doçura.

Outros vagam dispersos pelo mundo,
Ouvindo cada sêr que alegre existe
A cumprir um mysterio — o mais profundo

Do Amor e Morte! — Lei escura e triste,
Antithese fatidica, terrivel,
Á qual tudo o que nasce não resiste.

Revelações do Amor indefinivel,
Cantam-no em hymnos vívidos, sonoros,
Ascendendo na escala incomprehensivel
Seraphins, Potestades, Thronos, Córos.

III

Que sublime não era Samyaza!
Elle rasgava no horisonte a aurora,
Cortando os ares com a ponta da aza.

Typo ideal de apparencia encantadora,
Expressão de bondade no semblante,
Olhar de languidez que ri e chora:

Azas brancas, de um branco deslumbrante,
Quando voava o frémito ligeiro
Fingia uma harpa eólia distante.

Samyaza! é seu nome hymno fagueiro,
Um perfume levado pelo vento;
Nos labios o sorrir do amor primeiro.

Elle era o mais ditoso pensamento
Da mente do Senhor! Deos o enviara
Pela extensão do azul do firmamento.

Transpoz mundos, espheras, orbes! Para
Cumprir o mando á terra se transporta;
Vem decorar a melodia clara
Da vida inteira que se evolve absorta.

IV

Disse Deos áquelle Anjo de pureza;
«Samyaza! que musicas ouviste
«Do vivo Amor que anima a natureza?

«Trazes no rosto uma expressão tão triste?»
— Tu, Senhor, és a fonte d'onde emana
Amor, vida que ás cousas infundiste!

No fogo d'esse Amor a forma humana
Arrancaste do nada; e a ti devemos
Esta infancia que a morte não empana.

Fizeste-nos prototypos supremos
Do puro Amor! tu déste-nos o encanto
Da graça com que o throno te envolvemos.

Déste-nos tudo que ha de bom e santo;
Mas do universo no grandioso côro
Perdido som me ha revelado tanto!

São gémeos o Amor e a Morte! Imploro,
Senhor, que me rasgueis este mysterio;
Eu só, meu Deos, o soffrimento ignoro!

As nuvens cantam no correr aério:
« Nós nos amâmos, e a buscar-nos vâmos,
« Levadas de hemispherio em hemispherio;

« Mas o abraço que no espaço dâmos
« Á luz do sol que doira nossa alvura,
« Nos lança á terra esteril que orvalhâmos. »

As aguas cantam n'uma queixa dura:
« Reflectimos o azul d'esses ambientes,
« Que esmalta a luz que a jorros vem da altura.

« Revolvemo-nos sempre impacientes,
« O Espirito de Deos sobre nós passa,
« Mas prendem-nos os grandes continentes. »

E diz a flor n'um cantico de graça:
« Abrimos na alvorada pudibunda,
« Que aspira o doce effluvio que esvoaça.

« Desfolha-nos o sôpro que fecunda,
« O calor que alimenta é que nos cresta,
« E assim cumprimos uma lei profunda. »

Dos insectos a queixa amarga é esta:
« Uma restea do sol nos accalenta,
« N'ella brincâmos doidejando á sésta;

« Mas quando baixa a noite somnolenta,
« Ao olvido de um somno atro, funereo,
« Fria rajada leva-nos sedenta. »

Senhor! Senhor, rasgae este mysterio!
Porque enlaçastes o Amor e a Morte?
Dae que eu sinta do soffrimento o imperio.

Felizes os que soffrem! Grande e forte,
Senhor, temos a graça, a gloria infinda;
Déste-nos quanto um immortal comporte,
Mas falta-nos a dôr, a dôr ainda.»

IV

Cyro, absorto, escutara a melodia
Da dolorida voz que se calava
No intimo do peito. Os córos de anjos
Oh não possuem cythara mais dina!
Eram mudas as musicas nocturnas
Da estrepitosa festa, tudo escuta.

Nos sophás de setim Cyro se encosta,
No langor de um desejo fatigado;
Quer mais sons, mais palavras, mais suspiros.

*

JAHEL ergueu de novo o Cínnor santo,
Que sob as mãos caíra casualmente;
Dedilha froixa. A tunica de linho
Desenha as formas lindas, mal sonhadas.
Sua voz tempestúa o vaticinio
Lançado aos ventos! Bella, n'esse instante
Terrivel como o exercito em batalha,
Dera ao semblante uma expressão sinistra:

SAMYAZA

OU

O AMOR DOS ANJOS

Threnos segundo

I

« Junto do Hermon, á falda da montanha,
Do tempo antigo nas primeiras eras,
Vivia raça altiva, audaz, extranha.

Eram gigantes, quasi irmãos das feras,
Vivendo solitarios pelas grutas;
Tinham no sangue a lava das cratéras.

Alimentados de continuas luctas,
As solidões de horrores povoaram
Só com mostrar as cataduras brutas.

Foram elles tambem os que geraram
Aquellas formosissimas donzellas,
Por quem, outr'ora, o céo abandonaram
Anjos em legiões somente ao vel-as.

II

O flagello de Deos caíu tremendo
Da rija tribu em cima dos mais fortes;
Fome cruel e negra! Mal horrendo

Que os desbastava com sangrentos córtes!
Deixaram suas humidas cavernas,
Foram seguindo aventurosos nortes.

Pasto de aves, ás virações hybernas,
A grey d'elles, as pobres criancinhas,
Por lá ficaram lamentando ternas,
Ao pé dos rios a chorar sosinhas.

III

De uma vez, Samyaza se transporta
Ao mundo, para ouvir esse concerto
Da vida inteira que se evolve absorta.

Logo um debil vagido ouvira ao perto,
Misturado ao sussurro da torrente,
Que sinuosa corre no dezerto.

Uma criança ali! Fraca, doente,
Os abutres a cercam no abandono;
Tão cruel desamparo o Anjo sente.

Acordara do immaculado somno,
Ao voejar sinistro. Teve medo!
Sem mãe que ao peito seu lhe désse um throno,
Rosa, esfolham-na os vendavaes bem cedo.

IV

Samyaza doeu-se ; n'esse instante
Bemdisse a dôr que nos revela a vida,
A magoa que sentiu o fez amante.

A' criatura ingenua, adormecida,
Melhor do que ave que o seu ninho tece,
Deu-lhe um berço de rosas por guarida.

Elle a vem acordar quando amanhece,
Elle a vem bafejar quando é sol posto ;
Quantas vezes dos céos tambem se esquece
Com as azas brancas a velar-lhe o rosto !

V

Despontava a criança ; e assim pequena
Samyaza se achava preso a ella ;
Como encarnar em si forma terrena?

De cada vez tornava-se mais bella,
Virginal, de uma candida meiguice;
Mas como humanisar-se para tel-a?

Desvairado do amor pela doudice,
Poz-lhe por nome Tamiel, um nome
Que as saudades do empyreo traduzisse.

Tamiel, Tamiel! quem ha que dome
A dôr que nos inspira um Anjo errante
Na terra, pelo amor que o consomme!

A soledade entristecia a amante;
Samyaza falava na linguagem
Que tinha a natureza luxuriante.

Dos dezertos sorria na miragem,
Brandos desejos ia-lhe acordando
No segredar das aguas com a folhagem.

Mais preso a Tamiel de quando em quando,
A purissima e divinal Essencia
Ia o amor da terra penetrando.

Samyaza contára a impaciencia
De possuir a força que o fazia
Invisivel do ar na transparencia.

Sorriu-se Tamiel com alegria,
Melindrosa, mais timida que a rôla;
Chorando instou que se amostrasse um dia,
N'essa esperança vaga se consola.

VI

Pediu a Deos Samyaza que o terreno
Involucro lhe désse, e as azas solta
Aos pés do throno eterno ao leve aceno.

Somno mortal os olhos prende em volta,
Cae-lhe das mãos a cythara maviosa
Ao estridor de musica revolta.

Visões da beatitude gloriosa
Vão-se apagando n'alma pouco a pouco;
Regosijo ineffavel já não gosa.

O som da sua voz é triste e rouco,
No semblante não tem clarão risonho,
Mas sente-se de amor ainda mais louco.

No sobresalto de um ditoso sonho,
Tamiel acordara; ella estremece
Vendo-o ao lado com um ar medonho.

Que dor, quando lhe disse: «Não és esse
« Que na visão de amor enlouquecia,
« Samyaza radiante me apparece.

« Que segredos Samyaza me dizia!
« Não tens nos labios musicas tão francas;
« Sobre o azulado ether ascendia,
« E tu não tens as suas azas brancas.»

VII

Chorava o Anjo silencioso; o rosto
Escondido nas mãos! A angustia mostra,
Que o puro amor se aviva no desgosto,
E a dôr que mais eleva é a que prostra.»

V

Ficou Cyro a dormir a somno solto,
Como serpente que não tem veneno,
Esquecido do impeto fogoso,
Vencido pelos sons do mago plectro
Que lhe inspirava paz, tranquillidade!
JAHEL cantava agora mais serena,
O canto a protegia no combate
Da volupia fremente do monarcha.

Mais pura que Judith, em vez da espada,
Para alongar o descuidado somno,
Lançou mão outra vez do Nablo augusto:

SAMYAZA

OU

O AMOR DOS ANJOS

Threnos terceiro

I

« Samyaza era triste em seu desterro;
Perdera a Essencia de anjo; lyrio na haste,
Ah pende exhausto no escalvado cêrro.

Oh perola caída do engaste,
A frescura do orvalho que dá vida
Só na vista da tua amada achaste.

Se via Tamiel adormecida,
Vinha a medo, a distancia contemplal-a,
Com expressões da magoa mais dorida.

Vel-a sempre, era de alma arrobo e gala,
E as delicias do céo quasi entrevia
Se o somno a Tamiel cantando embala.

Meio escondido os pômos lhe trazia,
D'entre as ramas olhava pesaroso,
A vel-a ao perto ali, não se atrevia.

No fugitivo somno de repouso
Dava-lhe a relva uma macia alfombra;
Já não sorria em sonho mysterioso,
Nem tinha as azas que lhe davam sombra.

II

Viera um dia vel-a. Um grito escuta!
O grito a voz da amada parecia...
Parte solícito e procura a gruta...

Não a encontra. Por entre os cedros via
Surgirem vultos de guerreiros! Corre,
Arrancavam-lhe a flôr que mais queria.

Volveu a funda. Eis rue como uma torre
Um gigante! Feroz lucta se trava,
Um desaba a seus pés, outro alem morre.

Samyaza recobra a força brava
Que nas celestes legiões tivera:
Rijo a horrida tribu derrubava!

Ia alto o sol. Alfim o anjo vencera.
Tamiel, Tamiel com susto ainda,
Reconhecida aos braços se prendera
Com a fraqueza que a tornara linda.

III

Fôra o combate do Hermon sobre os combros,
De traz do monte o sol já se escondia;
Samyaza subiu, levando aos hombros

A temerosa amada; a noite fria
Tambem do esconso vale sóbe aziaga
Por sobre as trevas com que o vale enchia.

Ave nocturna aqui e alem divaga
Em roda do destroço; andam de rojos
Feras a quem o sangue podre embriaga.

E emquanto em baixo comem os despojos,
Samyaza subiu pela montanha,
Os pés ensanguentados pelos tojos.

Suór em bagas sua fronte banha,
Teme o encontro da tribu assoladora,
Até ao cume o leva ancia tamanha.

Esquecido de si ficou. N'essa hora
No seio de Tamiel encosta a fronte;
Sentou-se de cansado; vinha a aurora,
Erguendo a franja etherea do horisonte!

IV

Abrem-se á luz do sol os olhos bellos
Da doce amada, que sorri graciosa,
Distraída, brincando em seus cabellos.

O sol penetra a sombra silenciosa,
Um somno de fadiga o Anjo dorme
Ao vago sussurrar da selva umbrosa.

Subito uma panthera ingente, informe,
Sae terrivel da emmaranhada brenha,
E a virgem prostra sob a garra enorme.

Despertou Samyaza e se despenha
Qual se arremessa uma pezada barra;
Primeiro que Tamiel o acordo tenha,
Elle nas mãos esmigalhou a garra.

V

Que dor! De susto desmaiou a amada;
Ergue-a nos braços. Chama, não responde;
Estava fria, lívida, gelada.

A prantear, nas mãos o rosto esconde,
Chorando noite e dia não descança!
No desespero, ninguem sabe d'onde
Nos pode vir ainda uma esperança.

VI

A luz do sol que esplendida perpassa
No rosiclér da nevoa matutina,
Banhou-o todo n'um clarão de graça.

As azas de uma alvura crystalina
Polullaram dos hombros, no transporte
Que o remonta para a mansão divina.

Soôu no ar um côro immenso e forte:
«Oh bemvindo, bemvindo o que ha tocado
«O alto mysterio do Amor e Morte.

«A dôr do amor que em terra te ha lançado,
«Deu-te outra vez dos Anjos a candura;
«Quando o dia do Filho fôr chegado
«Irás levar-lhe o calix da amargura.»

VI

Auréola de luz cingia o rosto
Da candida Jahel: — a prophetisa
Sente o mysterio do Amor e Morte,
O sonho incomprehensivel do Oriente.
Cyro dormia o somno mais profundo,
Sonho lethal occupa, agita a mente
Do soberbo monarcha dos emporios:

Uma aguia audaciosa vem pairando
Sobre a sua cabeça e lhe arrebata
A corôa de rei! — Cyro convulso
Tenta seguil-a; como setta, fende

O espaço azul e pelo ar se libra,
Leva nas garras a corôa de ouro!
Para as alturas do Carmello vôa,
Quasi a poisar nos ingremes cabeços,
Levada no tufão. — Cyro aterrado
Caminha á pressa, o escalvado monte
Sóbe... o cansasso já lhe esgota as forças.
Aguia altaneira, para o mar se arroja,
Leva a corôa! Se ella cae no oceano!
Contra o vento e a chuva o rei investe,
Chegou aos visos do Carmello ingente.
De uma gruta sombria sae terrifica
A sombra do gigante dos Prophetas
ELIAS — alma eterna dos dezertos!

Detem-lhe o passo mal bradou: «Acorda!»
Do horrendo pezadello 'esperta Cyro,
Inda a Virgem cantava n'esse plectro,
Seu canto é como o orvalho que refresca.
O rei interpretou o aziago sonho,
Teme o Deos de Israel immenso e forte,
Acceita a medo o temeroso aviso.

Já vinha clareando a viva aurora
Pelo céo oriental; Cyro despede
Intacta a Virgem das cativas tribus:

«Oh vae annunciar com a alvorada,
«Ao teu povo, que chora ao pé dos rios,
«Nova aurora feliz de liberdade.»

E as harpas mudas, tristes, penduradas
Sobre os rios da Babylonia, expostas
Ás virações do céo que as desferiam,
Vem aos braços cansados dos cativos
E em côro partem a cantar saudosas:

—A Virgem de Adonai nos annuncia
O resgate! Affigura-se isto um sonho!
Como é que o riso e o canto de triumpho
    Irrompe em vez de queixas?

Dirão agora a gerações da terra:
« O Senhor abençôa aquelle povo! »
Jehová nos protege em toda a parte,
    Exultae de alegria.

Nós semeámos lagrimas amargas;
D'ellas nos brota uma ditosa messe!
O Senhor nos afasta o cativeiro
Lá como outr'ora as aguas.

A INFANCIA DE HOMERO

POEMA

Criança ainda, mas sonhando glorias
Amphínomo deixára o lar paterno,
Fôra ás festas de Homero. Quiz na lyra
Vencer das Ilhas os Aédos todos.

Com que saudade os dias lentos correm!
Desolada e afflicta, Naïs olha
Continuamente o mar. Sempre deserta
A cinta azul, extensa do horisonte!
Nem uma vela ao longe, longe alveja,
Que lhe traga o albor de uma esperança.
Tem alagados os magoados olhos

De tanto contemplar o mar já roxos,
Não sabe novas de um irmão que adora!
Inquieta, mal desponta a madrugada,
Até que as sombras gélidas da noite
Vem com vagar descendo, inquieta fita
Sentada em seu eirado o mar tranquillo.
Os rugidos da onda que se quebra
Na rocha em baixo os ternos ais confundem.
Leva-lhe o vento o manto e os cabellos,
Revoltos, como vão seus pensamentos.

Naïs, a loira filha de Mileto,
Princeza encantadora! A Ama ao lado
Procura em vão trazer-lhe algum consôlo.
Interroga do Oraculo a sentença:
Nada responde! Anciosa sobre a praia
Sacrifica do mar ás divindades;
Invoca as mais propicias. Em vão tudo!
Naïs supplica d'este modo a Antémor:

«Meu pae, meu pae! que insólita demora
«Amphínomo sem vir. Sonha ruinas

«Presaga a mente ás vezes. E quem sabe?
«Oh, mandae aprontar vossas galeras,
«Quero entrar n'uma, ir pelo mar dentro,
«Esperal-o na volta, vir com elle,
«Que traz as palmas de immortaes triumphos.»

Singra o Baixel úfano, recamado
De purpura por dentro. Vão cantando
As donzellas em côro sobre a pôpa;
Naïs mais triste olhava para as aguas,
Que ia cortando o esporão garboso;
Nada avista pelo ceruleo pégo.
Enubla-lhe o desgosto o meigo rosto;
Pergunta aos nautas a monção fagueira
De que banda soprava? Em sua mente
Juntam-se a medo funebres desastres.
Julga Amphínomo errante pelos mares,
Na borrasca levado a alheias terras;
Perdido, morto em tenebrosas syrtes.

Como deosa que o mar com o peito corta
Ia o Baixel sereno! Mar de leite;

Céo de anil; de feição frescos galernos!
Eis que alcyone avistam nas alturas
A librar-se gentil; outras em bando
Denunciam a terra não distante.
Na limpidez do ar leve reflexo
Se desenha: vão-se avivando as côres,
Vão-se erguendo as montanhas, as collinas
Esmaltadas de magica verdura.
As animadas virações da terra
Vem infundir uma alegria franca.
Era a Ilha de Chio! Naus sem conto,
Prôa á terra deslisam mansamente;
Vem ás festas de Homero de outras Ilhas.

Disse Naïs ao côro das donzellas:

«Vinde afinar o meu doirado plectro,
«Meu canto virginal hade hoje ouvir-se
«Nas sacrosantas festas que se fazem
«Ao filho de Chryteis! Heide, por certo,
«Descobrir meu irmão por entre a turba!
«Só elle poderá vencer na lyra

«Os sons febrís que amor em mim desfere!
«Heide a seus pés depôr minha grinalda;
«Ah, não quero que a pobre irmã conheça:
«Irei como um dos vates mais crianças
«Que ás festas acudiu. Vós, oh donzellas,
«Escondei-me estas transas de cabello
«Sob o laço pendente da corôa.
«Hãode julgar em mim vêr o mais lindo
«Dos moços do Archipélago! Hoje sinto
«Sacrosanta alegria que me inspira;
«Levae o novo Aédo para a terra.»

Levada pelo aceno da esperança,
Lança a donzella os olhos desvairados
Á multidão fervente; não descobre
Esse irmão que solícita procura!
O tumulto redobra-lhe a tristeza.
Attenta escuta os sonorosos cantos,
Nenhum da doce voz lhe lembra o timbre.
Nenhum rosto o do Amphínomo parece;
A multidão abafa-lhe os soluços!
Estava Naïs n'esse instante linda,

Fazia delirar de amor ao vel-a;
Pousára a mão mimosa sobre o plectro,
Era a estatua do marmore arrancada,
Onde um genio divino transluzia.
Olhos de artista a viram; tudo acclama
A candura infantil do novo Aédo.
Naïs percorre a lyra; os leves dedos
Um diluvio de sons no ar espalham,
A multidão estúa para onvil-a.
A mudez de um oraculo a escuta!
Alfim ergueu segura a voz sentida,
Branda, tremente, arrebatada canta:

— Ouvia-se no ar vago concerto
Que adormentava a noite do Archipélago!
Era o susurro divinal dos rios
Misturado ás cantigas das cigarras;
Era o gemer das brisas mansas, doces
Conversando co'as aguas e a folhagem!
Eram os largos, azulados mares
A reflectir o céo, bordados de Ilhas,
A cantarem de ignotas maravilhas.

Tudo falava do sublime Aédo!

Os rios, na corrente priguiçosa,
A requebrarem-se em gentís meandros,
Como braços que a si a amante prendem,
Que doidos vencem, mas vencendo cáem,
Iam dizendo ás ramas dos salgueiros,
Aos eccos longos dos sonoros valles:
«Nós lhe demos um berço de verdura,
«E lhe ouvimos attentos os vagidos
«No estridor das festas confundidos.»

Tudo falava do sublime Aédo!

As cigarras, na vagarosa noite
Embebidas no cantico estridente,
Cantavam todas nas confuzas vozes:
«Nós lhe emlalámos seu primeiro somno!
«E emquanto elle dormia, não temido
«Pelos do Olympo vingadores numes,
«Revelámos-lhe em sonhos o segredo
«Que occulta mão vibrou na eterna lyra,
«E cada geração ao passar tira.»

Tudo falava do sublime Aédo!

E em tropel caprichoso vinham, doidas
Como nayades indo á flor dos rios,
Ou bacchantes que das collinas descem,
Vinham travessas brisas murmurando:
«Nós brincámos outr'ora em seus cabellos,
«Nós ouvimos os sons d'aquelle plectro,
«E espalhámos no ar o canto novo!
«Enlevadas na languida magia
«Andamos repetindo essa harmonia.»

Tudo falava do sublime Aédo!

A onda azul e branca, desgrenhada
Que vem beijar o alto promontorio,
Que se vae a carpir de praia em praia,
O alegre mar Egeu que abraça as Ilhas,
O brando mar de Myrto, no ruido
Que ás musicas da noite se harmonisa:
«Nós tambem o levámos de Ilha em Ilha,
«Abrimos-lhe os reconditos mysterios,
«Primeiro os disse em canticos aérios.»

Tudo falava do sublime Aédo!

E as Ilhas, como as pérolas do manto,
Nymphas dipersas na fluidez das aguas,
Conchas da profundeza á luz saídas,
Respondiam na voz do côro immenso:
«Accolhêmol-o cego e foragido,
«Como a viandante que se mostra nume;
«Nós lhe démos altares! na alegria
«Que inspirava seu canto, só de ouvil-o,
«Ficámos templos por ter sido asyllo.

Após esta cadencia, em que os instantes
Esquecidos da vida deslisavam,
Seguiu-se um breve, singular silencio!
Vem perturbal-o um subito estampido.
Como de uma cratéra que rebenta,
No ar se espalha o sulphoroso fumo,
Candente a lava até ao mar escorre,
Luar incerto a labareda offusca.
Era o Vesuvio, que exclamou n'um grito:
«Não existiu Homero, foi um mytho.»

Mas o susurro divinal dos rios,
E as cantigas ardentes das cigarras,
Os gemidos das brisas mansas, loucas,
Conversando com as aguas e a folhagem,
O mar azul, infindo, as verdes Ilhas,
Proseguiram no placido concerto:
«Nós o vimos! nós todos o sentimos,
«Disputâmol-o ainda em doce briga;
«Nós lhe démos o ser, dentro em nós canta,
«Alma parens de toda a Grecia antiga!»

No delirio da inspiração, envolve
Auréola divina o rosto a Naïs;
A infancia dá-lhe a graça da poesia!
Quando todos inquietos perguntavam
D'onde viera? quem ensinara o canto?
Se era um Deos? n'esse instante as transas soltas
Em ondas caem sobre os hombros, livres;
Eram cabellos de mulher! Sorriram
Doidos de amor os vates, que lançaram
A seus pés as corôas e as lyras.

ARABESCO

DE

UMA JANELLA GOTHICA

POEMA

I

De pé, falava o Antiste ás rudes hordas,
Envolvido na tunica alvejante,
Da fonte do baptismo sobre as bordas:

—Oh, vinde irmãos carissimos! Diante
De vós abre-se um mar que dá passagem
Á terra promettida. Vinde, vinde,
O Espirito de Deos passou nas aguas.
É nau aventureira a Santa Egreja;
Voltada para a ribas do Oriente,
Sôlta aos ventos do largo a vela branca,
Ella busca o paiz do eterno dia.

A luz da fé estrella é do seu rumo,
A cruz é leme e ancora a esperança.
Vinde vós todos que fugís da morte,
Para as bordas da fonte do baptismo;
Ō Espirito Santo é bom piloto,
Pomba da Arca, ditosa mensageira.—

II

Eis do tropel da fervorosa turba
Saíu uma mulher, e com seus passos
O silencio interrompe e a voz perturba.

Trazia reclinada sobre os braços
Uma criança meia adormecida;
Vem buscar á piscina a eterna vida:

«Dae-lhe a graça nas aguas do baptismo,
«Que ella fique tão pura como os anjos!»
E depoz a criança aos pés do Padre.

III

O Sacerdote ergueu ao céo os olhos,
Com terrivel, mas paternal aspecto;
E ao mergulhar nas aguas o infante
Das mãos se lhe escapou, e semimorto
Caíu no fundo lá do escuro poço.

IV

Quanto affligia o vêr a mãe transida
Da mais pungente dor, inconsolavel,
Sobre as bordas da fonte do baptismo!
Hirta de assombro diante das blasphemias
Rugia a multidão feroz, turbada:

«Annuncias, Senhor, a eterna vida,
Trouxe o meu filho aqui, e dás-lhe a morte?
Em vez de abrir a terra promettida
Confundiste-o nas aguas? Grande e forte,
Meu Deos, que mal te fez uma criança?
Impões a fé, e matas a esperança.

«Não tenho a quem cantar minhas cantigas,
Já o sol não tem brilho!
De que me serve agora a mim a vida,
Se perdi esse filho?

Eu sinto que a minha alma me abandona,
Aos brutos me assimílho;
Não se me dá da morte; a morte, a morte
É perder esse filho.»

V

Á voz do Padre a multidão derruba
A atribulada mãe! pelos cabellos
Arrastaram-na ao póste da fogueira:

«Desfalleço a cantar! bem haja o fogo
Que me recorda as dôres por meu filho!
Cedo o perdi! a chamma que devora,
Para encontral-o me allumia o trilho.»

O BRAVO DE UIRAÇÁBA

POEMA

PRELUDIO

Como se arroja em um naufragio escuro
Ao mar a historia de asperos revezes,
A fim de ir dar a algum porto seguro:

Do abysmo onde os imperios tantas vezes
Baqueam, — mando ás ribas do futuro
O poema do que foram portuguezes.

NTO PRIMEIRO

ÃO NO DESERTO

I

ıdida da floresta,
das magnolias, pende
le entretecida
ıdo da plumagem
so. Quem repousa
ta? na frescura
l, hospedeira sombra?
ıtado com desleixo
;ena, aguardando o instante
›orde. A rija tribu
Bravo, o destemido
Pela certeza da ligeira flexa;

Chamavam-lhe o valente de Uiraçába,
Pelo nome da aljava que o acompanha.
Elle era novo e sonhador. Ouvia
Longe, bem longe os passos do inimigo;
Como a panthera farejava a preza;
Como o raio, espalhava repentino
Castigo irremissivel! Mas ás vezes
O granito mais duro estala, quando
Humilde gota de agua se congella.
Fôra assim o guerreiro. Elle era novo,
Não o saciava essa altivez do mando,
Nem a largueza de não vistas matas,
Nem os recontros do conguar gigante.
Elle anceiava pouco, ou nada, tudo:
Tinha sêde de amor...

II

Por entre as brenhas,
Rompia desvairado, ia seguindo
Sem saber para onde; muitas vezes
Cuidava estar ouvindo voz sentida

Chamal-o para si... Em vão buscava.
Os canticos das aves solitarias
Da plaga americana, segredando
Confidencias da alegre natureza,
Entreabriam-lhe a furto aquelle sonho.

III

No frenesim do amoroso instincto
Convoca o Bravo os anciãos da tribu,
Guardas da tradição e narradores
Dos gloriosos feitos, que se contam
Na vespera sedenta da batalha.
Juntou-se o côro dos Moranduçáras,
O chefe assim falou:

«Velhos sinceros,
«Não mancha os vossos labios a mentira!
«Tantas vezes hei visto a estrella morta
«Perder-se no horisonte ao vir do dia,
«Sem que o somno me alente das fadigas!
«E Jurema, a propicia mãe dos sonhos,

«Me seduz com apparições ridentes;
«Embala-me com tantas harmonias;
«Traz-me enleiado, desvairado, louco!
«Eu não sei que me falta; e o que busco
«Presinto que não seja d'este mundo!
«Falae, velhos sinceros, revelae-me
«Se algum maligno Anhága me combate?»

D'entre os Moranduçáras venerandos,
Dos que têm os thesouros do passado
Guardados na memoria, o mais antigo,
O prudente Abaeté prompto responde:

«Guerreiro de Uiraçába! na floresta
«Uma clareira occulta conhecemos;
«As magnolias em flor lhe prestam sombra.
«Mysteriosa mudez ali revôa,
«Favoravel ás santas narrativas.
«Oh vem comnosco! Ali nós te abriremos
«O deposito augusto das edades
«Onde o provir obscuro se esclarece.»

IV

Á sombra das magnolias, brandamente
Balouçado na rêde entretecida
Das plumagens do canindé vistoso,
O terror de Uiraçaba dormitava.
O velho Abaeté declara ao côro
Dos narradores da soberba tribu:

«Eil-o, repousa placido, tranquillo
«Como uma aguia nos visos do fraguedo.
«Deixemol-o dormir! A mãe risonha
«Das visões mais queridas, mãe ditosa
«Dos sonhos de ouro, a candida Jurema,
«Lhe bafeje o semblante afogueado,
«Do agitado guerreiro. Semimorto
«N'este instante parece, mas no peito
«Violento irrompe um sentimento novo!

«—Amor, amor! sabemel-o nós todos
«A quem a edade revelou a vida.»
Responde attento, a frouxa voz, o côro.

V

Não foi tão leve o ruido das palavras
Que essa eterna verdade traduzia;
Subito acorda o Bravo de Uiraçába;

«Vozes surdas, sinistras, ominosas,
«Como a voz do guariba ao vir da noite,
«A visão fugitiva me interrompem!
—«Oh Bravo!—o Abaeté responde a medo,
«Quando se ouve ao crepusculo o guariba,
«Elle annuncia quasi sempre a morte!»
«—O indomito guerreiro de Uiraçába
«Não sabe o que é temor! Mando que expliques
«Quanto me diz esse guariba em sonhos.»

Como o cypreste se ergue sobre a campa,
D'entre os Moranduçáras se alevanta
O tremulo Abaeté:
«Canta o guariba...
«Nas solidões das matas elle canta,
«Como o padre christão quando psalmeia...

«Bem vês! A loira virgem que apparece
«Nos teus rapidos sonhos, melindrosa,
«É do branco das longes terras filha,
«Isso descubro no fatal presagio.»

—«Oh! dize-me se a posso vêr um dia?»

«Como alva pomba vem, no pando vôo
«Por magicos acenos atrahida,
«Vinda de extranhos climas quasi toca
«Na americana riba a virgem bella,
«Descança! Ella virá poisar seu rosto
«Sobre um peito de tanto amor vencido.»

VI

Era o guerreiro sonhador e novo!
Ficou de pé scismando, triste, quêdo,
Igual ao cedro no alto da montanha.
Ao côro dos Moranduçáras volve
O Abaeté, e a cada um derrama
No camocin o liquido sagrado,

O licôr de Jurema, que os inspira
Para contar ao Bravo de Uiraçába
Qual o destino, que a esse amor se prende.
E emquanto ficam no extasi suspensos
Assim canta o selvagem que os domina:

«Sôpro de Aracaty, brisa dos mares,
«Dissipa a densa nevoa que inda envolve
«O longiquo horisonte onde a contemplo.
«Deixa mirar a apparição divina
«Que me traz alheiado d'este mundo!
«Eu a vejo ao clarão dos devaneios,
«Da palida Jacy á luz serena,
«E quanto mais me foge, mais revôam
«Para ella em tropel tantos desejos.
«No murmurio de incognitas torrentes,
«No cicio das folhas do arvoredo,
«No gorgeio das aves mais canoras,
«Em tudo a sinto, a vejo e a respiro.
«Nem da jaty o mel tem o perfume,
«O gosto d'essas falas que eu escuto...
«Lá da Mayri das longes terras, tral-a
«Sôpro de Aracaty, brisa dos mares.»

Présto a horda do espasmo se levanta!
Grito de frenesim rijo interrompe
Essas palavras com que o Bravo scisma:

«Oh filho de Tupan, feliz na Aljava
«D'onde uma flexa nunca em vão se tira!
«Teu braço é o trophéo que representa
«Contra os guerreiros da Mayri distante,
«Da terra a liberdade primitiva.
«A Virgem que amas tanto, e em sonhos miras
«É talisman contra essa liberdade!
«Evita o amor que a morte traz comsigo.»

VII

Por sobre a confusão aterradora
Das cruas vozes, roucas, agourentas,
Se eleva a voz do Bravo de Uiraçába:

«Cedo me acostumei a vencer sempre!
«Prostrei sempre o leopardo mais pujante;
«É bem que affronte um dia o meu destino.
«E que alta sina o succumbir por ella!»

E a sós se embrenha pela selva dentro.

VIII

Ficára o bando dos Moranduçáras
Assombrado da decisão tremenda;
Veiu a mudez sellar todas as boccas.
Quem se atreve a acordal-o do lethargo?
Ouve-se estrondo inesperado ao perto,
Alaridos sem fim, gritos agudos,
Gargalhadas satanicas, convulsas,
Ao som das quaes mais o tripudio cresce!
Era a tribu do Bravo de Uiraçába
Que traz ao sacrificio hoje um vencido
De uma raça jurada ao odio eterno:

«Em nossas bocas o boré retrôa,
«As cavernas mais surdas estremecem.
«É forte o massurâma! ao velho tronco
«Se amarre o Pytigoar envergonhado;
«Não mais hãode essas mãos brandir o arco;
«Os uivos do oitibó confundam queixas
«Que a dor lhe arranca na hora do trespasso.»

Vae começar o cruento sacrificio.
Ao tronco mais robusto o prisioneiro
Se confrange amarrado, vendo as dansas
Que em volta d'elle atonito se enroscam.
Do coração acode o sangue todo
Ás faces de rancor e de vergonha.
Corta-lhe a corda os pulsos roxeados;
A alma não verga, e ella n'esse instante
Está longe, bem longe; vendo a furna
Aonde o espera a desprovida esposa,
E o sitio aonde brinca a prole nova.
Bem sabe o Pytigoar que a morte avança,
De desespero canta na agonia:

«Tivesse a voz do lobo de caverna
«Quando elle urra sedento!
«O bramido do mar na quadra hyberna,
«Quando o revolve o vento!

«O conguar da brenha quando ataca,
«A descuidada preza
«De um golpe só, tenaz a vida sáca,
«Não tem esta villeza.

«Dansae, dansae, com passo bem ligeiro,
«Que ainda mais veloz,
«O grande dia hade chegar primeiro
«Que me vinguem de vós.»

IX

Ia cantando. Um vulto negro, negro
Por entre as velhas àrvores assomma,
De Jesuita envolto na roupeta.
A serpente, que perfida se enrola
Sobre um ramo flexivel, esperando
Colher de prompto o incauto passarinho,
Faz lembrar a missão d'esses pilotos
Do caminho do céo. Se o Novo Mundo
Tem, na vida de esplendida riqueza,
O cascavel, de sonoroso silvo,
Mandou-lhe a velha Europa dos seus antros
Mais terrivel especie — o Jesuita.

Este, porem, que emerge do arvoredo,
Solícito buscando o sentenciado,
Era bom, era pobre, um santo homem,

O padre Anchieta, o Apostolo primeiro
Que fez soar a nova do Evangelho
Nas solidões da America. Bem haja!
Eil-o que se aproxima do tapuya
Emquanto dansa a tribu desvairada.
A fé dava-lhe agora o dom das linguas:

— Miseravel! a morte estende as garras,
Não tenhas medo; ainda ha outra vida,
E melhor, e sem fim! D'ella te falo.
Disse o padre falando-lhe em segredo.

« Deixa-me, embora. »
— Acceita hoje o baptismo!

Na mente o sentenciado revolvia
Sua impotente raiva, emquanto o padre
Na cabeça febril do prisioneiro
Espreme um lenço que embebêra na agua.
A tribu ao vel-o em tremebundo rito,
Ao qual attribuira o atroz contagio
Que a devastava, — as dansas interrompe

Contra o Jesuita pavido arremette,
No forte e immenso massurâma o enleia.
Promptas flexas o peito seu lhe visam:

— Senhor, Senhor! o apostolo fervente
Incredulo confessa o vosso nome!
Fazeis-me como a Saulo. A luz divina
Me illumine no derradeiro transe.
As brisas tropicaes, que vão levando
Os perfumes da plaga americana
Para o solio do altissimo, alevantem
Minha oração humilde. Eu sou o obreiro
Da parabola santa da Escriptura,
Vim tarde, e vós pagaes-me o eterno dia. —

X

Sobre os dois condemnados imminente
Montes de flexas quasi se despedem,
Quando na umbrosa solidão do bosque
O clangor do boré retrôa. Hirtos
Ficam todos na cáfila; conhecem

Do maioral o toque, e n'esse instante,
Suspenso o golpe, o mando seu aguardam:

«Guerreiros! abaixae as vossas flexas.
«Venho saber se acaso me descobre
«O pagé, que de vós a morte espera,
«O mysterio dos sonhos do Jurema.
— Eu o sei! — acudio o padre logo.
«Como é teu nome?

— Anchieta!

«Anchieta, fala!

«Oh conta-me o que sabes d'essa Virgem
«Que nos sonhos dourados me apparece.»

— Pelo amor que tu sentes, vim de longe
Sulcando errante os mares; e por elle,
Como estás vendo, expuz-me a crú flagicio.
Pela sêde do amor que te devora
Eu dou por bem o ter perdido a patria;
Vim para falar d'elle n'estas plagas,
E tu és o primeiro que me escutas!
A Virgem, que nos sonhos teus se mostra

É luz do céo, revelação distincta,
O seu amor se apura só na morte.

«Bém hajas, varão santo!» Volve o bravo
Desprendendo-o do longo massurâma:
«Venerando pagé de um outro nume,
«Talvez como Tupan? mais luminoso?
«Dize o nome da Virgem que annuncias.»

—Bravo! chama-se a Fé. Ella dá força
Para affrontar os mais terriveis lances.

XI

Isto dissera. No ar se repercute
Crébro estampido, inesperado estrondo,
De uma salva da lusa artilheria.
Aquellas solidões tacitas ouvem
A voz com que outros povos vem pregar-lhe
Da civilisação. A tribu ingente
Dispersa-se confusa; o Chefe apenas
Junto do padre impavido ficára:

«Anchieta! o ar é puro; rutilante
«O vulto de Tupan alegra tudo,
«D'onde vem pois o temeroso estrondo?»

—A Nau das Quinas chega de Lisboa;
Oh vem commigo para ouvir as novas
Que vem da amada e lusitana terra.

Perto era a praia, e o padre chora ouvindo
O canto dos saudosos marinheiros.

CANTO SEGUNDO

OS PIRATAS DO LARGO

I

Batida das tormentas, dos combates
Dos piratas do mar, desmantelada,
Rôto o velâme, a mastreação partida,
O costado arrombado por metralha,
Entrava na Bahia a nau formosa
Chamada a *Frol do Mar.* Mais parecia
Arremessada á praia pelas ondas
Como despojo de escarceu tremendo,
Do que a altiva e gentil Capitania!
O que passára a Nau no pégo immenso,
Na travessia do Oceano, as fomes,
Tempestade, abordagem de corsarios...
Não ha palavras que descrevam tudo!

II

Havia quasi um anno que partira
Do patrio Tejo seu; singrando ufana
Traz a seu bordo Jorge de Albuquerque,
Mancebo, cavalleiro, apaixonado,
Coração para a guerra e para amores.
Da frota immensa a Nau apenas resta!
Traz Jorge de Albuquerque, ao qual compete
Vir sacudir os regulos selvagens
Que têm cercada Olinda. Elle partira,
Largara a vela na monção fagueira;
Piloto era Mem Vasques, homem firme,
N'esta volta de mar encanecido;
Havia pouco ainda, lhe morrera
A amada companheira da existencia.
Lisboa para elle era um deserto;
A orfandade e pobreza de uma filha
As saudades do mar lhe despertaram.
Voltou á vida das refregas, quando
Senil o corpo almeja por descanso;
E na carreira do Brazil procura
Ganhar o dote da infeliz criança.

Orfan, de quinze annos, vem com elle
Dulce, graciosa e mansa. A branca alcyone
Que se envolve na cerração do cabo,
Não vae mais descuidada sobre a vaga
Do que a virgem deixando ao longe a patria.
Ai visão com que o nauta sempre sonha!
Jorge Coelho de Albuquerque, joven
Mas destemido Commandante, brinca
Descuidado com ella na viagem;
E a cada riso pudibundo, ás falas
Da mais encantadora ingenuidade,
Sente que o amor lhe vence o duro peito.
Dulce brincava e ria sem dar tino...
Que mal tem os quinze annos quando brincam!

III

Orfansinha de mãe, exposta aos mares,
Aos perigos de incognitas paragens,
Ia sorrindo ás bordas do abysmo!
Como somnambula em atroz voragem,
Desconhecia a vida, o mal; alegre

Com a viva expansão da criancice,
Á beira da Ama antiga se achegava,
Distrahida, escutando os velhos contos,
Historias da lareira.
«Oh não te esqueças
Hoje ao luar, na tolda da galera,
De repetir, a noite vae serena,
O conto de um amor em terra alheia.»

Era ao decimo dia da viagem,
Luar divino, magico, aprasivel
Só feito para cantos de saudade!
Achega-se a Ama então para a menina,
Sentam-se á ré, e com a voz dorida
Assim contára este soláo de amores:

Amores em terra alheia

Andava a brincar na praia,
Andava a correr sosinho;
Cativaram-me os piratas
Era eu bem pequenino.

De tanto chorar cansado
Me quedei adormecido,
Negra galé me levava,
Mal sabia o meu destino:
Em Salé desembarcaram,
Venderam-me lá cativo;
Comprou-me cruel rei mouro,
Que me quiz para servil-o.
Quiz fazer-me renegado
Da santa crença em que vivo;
De dia dava-me tratos,
Por não ter na cruz cuspido!
Passava a noite acordado,
Pimenta e cravo moia;
Augmentavam-se os meus males,
Dobravam minhas fadigas,
E para espalhar as magoas
Cantava muitas cantigas.
Ouvia tudo a princeza
Por detraz da gelosia;
Chamou-me pelo meu nome,
E perguntou-me escondida:

— Christiano, porque te calas
E em vez de cantar me miras?
«É que me lembra, senhora,
«Lembra-me, senhora minha,
«Uma mãe que me chamava
«Por esse nome que eu tinha.
— Mas quando venho á janella
Para quem é teu sorriso?
«É que me lembra, senhora,
«Uma irmã tão minha amiga,
«Que tinha esses olhos negros,
«Mais esses cabellos finos.
— Cala-te lá, Christiano,
Não sabes bem o que dizes;
Sobem-te as côres ao rosto,
Porque andas sempre tão triste?
«Senhora, morro de amores
«Por uma imagem tão linda;
«Criada n'um berço de oiro
«Não lhe posso chamar minha.
— Não fôras nunca assim louco,
Nem tu fôras atrevido,

Hoje serás degolado,
Hoje terás o castigo.
«Não me dóe a mim a morte,
«Mas dóe-me este amor perdido!
«Na minha terra em criança
«Cantava-se uma cantiga
«Que aqui me lembrou agora,
«Para adeos de despedida:

Por te amar perdi a Deos,
Por teu amor me perdi;
Agora vejo-me só,
Sem Deos, sem amor, sem ti.

— Ter amor em terra alheia
Quanta saudade alivia?
Eu mal pensava, Christiano,
Que havia amar-te algum dia.
Ter amor em terra alheia
Ninguem lhe sabe a valia,
Que eu ia agora perdendo
Esse amor que te pedia.

Meus olhos te cativaram,
Meus braços são a cadeia;
Ninguem sabe quanto custa
Ter amor em terra alheia.

IV

O Commandante Jorge de Albuquerque
Lento se aproximára; esteve ouvindo.
O clarão do luar se reflectia
Na face virginal; palôr incerto
Tornava Dulce apparição sublime.
Sentia cada vez o Commandante
Crescer mais a affeição pela criança!
Elle era tambem novo, e só contava
Vinte duas alegres primaveras.
Com a idea do amor lhe revoavam
Na mente o atro lampejo dos recontros
Que vae ter c'os selvagens, na porfia
Do resgate de Olinda! Na amurada
Do navio se encosta a pensar n'ella;
As turbulentas vagas o embalam,

O susurro adormece-lhe os sentidos,
E deixa-se levar de mundo em mundo,
Sem saber como confessar a Dulce
A vehemencia da paixão que nasce!
E quanto mais o impeto se exalta,
Quanto mais bate o coração oppresso,
Tanto mais a menina continua
Absorta ouvindo a Aia que lhe conta
A historia dos amores do Cativo:

A princeza doente

«Que linda estava a princeza,
Doente, assim desmaiada!
As penas que a vão matando,
Quem sabe? ninguem diz nada.

Fica-se a olhar desolada,
Por essas aguas do mar,
Pede que a deixem sosinha,
Sosinha põe-se a chorar.

Não soube o que perguntar
O rei mouro pensativo;
Quer descobrir o segredo,
Mandou cantar o cativo.

Cantou de um modo afflictivo
Saudades o prisioneiro;
Ao balcão vem a princeza,
Sorri como ar presenteiro.

— Que pena! um amor primeiro,
Filha, tão mal empregado!
Por que escolheste um cativo?

«Meu pae! elle é desgraçado.

— O sol do amor te ha murchado
Oh alva cecem dos valles;
Porque escolheste o cativo?

«Ouvi-lhe contar seus males.

V

Debalde procurava o audaz guerreiro
Como confessaria o amor occulto.
Sagrada timidez de uma alma pura!
Com Mem Vasques falava, ia a dizer-lhe
Quanto sente por Dulce, e as palavras
Se atropellam nos labios sem sentido.
Filho e herdeiro da mais alta linhagem,
Tem Jorge de Albuquerque a nobre eschola
Da corte portugueza; e bem se lembra
Lá dos serões do paço, onde com damas
Se fala sempre em verso. Alma poesia,
Serve-lhe tu de meiga confidente;
Da-lhe uma strophe, a mais apaixonada,
Um murmurio da Fonte de Vauclusa:

—Busco-te, como aguia busca a altura,
Como o impavido olhar o sol ardente;
Como busca erma praia onda plangente,
Busco-te, como o rio o mar procura.

E sigo-te de longe! em noite escura
O Mago segue a estrella do Oriente;
A columna de fogo, a raça crente
Seguè pelos dezertos na espessura.

Se alcançasse o teu vôo, nuvem suspensa
No diaphano empyreo, alma cativa,
Viveria ao calor da eterna crença.

Não languesças ingenua sensitiva,
Não te percas pela amplidão immensa,
Como Ophelia na onda fugitiva.—

Ouvira Dulce a enamorada trova,
Sorriu-se a medo, e a trova lhe parece
Mais sentida e gentil do que os romances
Que a descuidada infancia lhe embalavam

«Cante-me outra canção, como as da corte,
Como no tempo da Menina e Moça;
Nunca até hoje ainda as tinha ouvido.»
Jorge ao pé da amurada recitava:

— Morrer de amor, é vêr sempre o teu rosto
Quando ri para todos e não córa!
É vêr o brilho fulgido da aurora
Toldar-se na tristeza do sol posto!

Morrer de amor é o intimo desgosto,
Que um riso gera, e a occultas a alma chora;
Morrer de amor, é vêr-me de hora em hora
A novas incertezas sempre exposto!

Quem te vê, mysteriosa criatura,
Sente-se escravo d'esse olhar traiçoeiro;
Por toda a parte o teu olhar procura.

Por que me fazes teu prisioneiro?
Se é só para cantar tua loucura,
Douda, para que me matas primeiro?—

VI

Traz a Nau a seu bordo um Jesuita
Alvaro de Lucena; ao padre Anchieta
Traz o diploma de geral da Ordem.

O padre ao vêr risonha essa donzella
Sentiu vontade de enluctar sua alma.
Vendo-a sem mãe, lembrou-lhe a paz da cella
Para acolher a descuidada Virgem.
Quiz falar a Mem Vasques... receiava...
Melhor seria inebriar a Dulce
Nos effluvios do amor divino. O padre
Descobrira que o amor se apossou de ambos;
Vê Jorge de Albuquerque mais seguro,
E Dulce como flor que desabrocha
Ao sol de uma manhã de primavera.
Jura roubal-a ao decidido amante
Para o redil de Christo. Mansa pomba
Sacrificada na ara ensanguentada!

VII

Lucena a cada instante volve a Dulce
Um olhar paternal, falando sempre
Nas delicias do céo; Jorge emmudece,
Sem poder revelar toda a verdade
Do sentimento que trasborda na alma.

Trava-se entre ambos um mortal combate,
Lucta incognita, obscura, incomprehensivel.
Quem vencerá? O espirito das trevas
Tem ás vezes recursos imprevistos!
A este tempo conhecera Dulce
No olhar do Commandante uma tristeza
Que a tornava mais branda, compassiva.
Nos grupos do convés o procurava,
Nos sustos da tormenta a vista d'elle
Dava-lhe uma indizivel esperança.
Não era a mesma Dulce; demudada
Na côr, e na expressão a via a Ama.
Nem pedia que lhe contasse contos!

VIII

Quiz Dulce comprazer com esse gosto
Da carinhosa Ama, e no regaço
A cabeça reclina, e agora pede
Que prosiga na historia do Cativo.
Aproxima-se Jorge; a Ama sorriu-se
Satisfeita por vêr que estão attentos.

Quem como ella respeita as velhas lendas?
Ou quem guarda com mais sagrado esmero
O thesouro das tradições antigas?
Fresca era a brisa, immensurado o esteiro
Que o galeão transpõe; e emquanto aos gritos
Do piloto obedece a marinhagem,
Assim começa a boa cuvilheira:

O milagre do cativo

Que lucto na corte havia,
Oh que tristeza geral;
Pois desfallece a princeza
Unica herdeira real.
Andava o rei tão afflicto,
Andava o rei sem falar,
Dava metade do reino
Para a princeza salvar!
Por fim um Mago do Oriente,
Que ali passou por acaso,
Jurou de lhe dar vida,
Salval-a n'um breve prazo;

Comtanto que lhe trouxessem
De qualquer parte da terra,
A rosa mais fresca e linda
Que occulto mysterio encerra.
Pregões se deitam ao longe,
E mensageiros envia,
Para ver se casualmente
Essa linda rosa havia.

Vieram cestos de flores
De toda a parte do imperio;
Nenhuma rosa trazia
Aquelle occulto mysterio.

Uma mãe trouxe nos braços
Uma engraçada criança,
Que tinha nas faces lindas
Duas rosas de esperança.
— Quanto essas rosas são bellas,
Manchal-as seria um crime;
Nenhuma d'ellas encerra
Esse mysterio sublime.

Uma donzella formosa
Toda pudor e candura,
Mostrou na face umas rosas
De incomparavel frescura:
—Quanto essas rosas são puras,
Ai que divina belleza;
Mas essas rosas não podem
Dar vida á joven princeza.

Veiu tambem um guerreiro
Da batalha ensanguentado;
Mostrou as suas feridas,
Sorriu-se e esperou calado.
—São rosas de côr tão viva,
Brazão de subido preço;
D'ellas nasce a liberdade,
Outro poder não conheço.

Andava o rei mais afflicto,
Andava o rei sem falar,
Já dava o seu reino todo
Para essa filha salvar.

—

Entrou por fim o cativo
Com Jesus crucificado;
E apontou temeroso
A viva chaga do lado.
Ficou o Mago assombrado,
Lançou um olhar profundo:
— Essa é a Rosa que dá vida,
Porque ella salvou o mundo.

IX

Attento ouvira o Commandante. Dulce
Suspensa, como um seraphim da altura
Era mais bella n'esse instante; Jorge
Jurou comsigo amal-a para sempre.
Quer falar-lhe de amor; mas como? O padre
Estuda-lhe os mais leves movimentos.
— Dulce, agora me lembra de um romance
Que aprendi em criança.
«Hade ser lindo!»
— Quer ouvil-o? Meu Deos, tenho saudades
De um tempo que não torna! edade d'oiro.

Sorriu-se Dulce, e abriu mesmo a seu lado
Logar para assentar-se.
— Se me lembra,
É parte d'essa historia do Cativo
Contada por quem já o amor prendera.
«Ouçâmos o romance entretenido.

Treme-lhe a voz. E Jorge alfim prosegue:

Regresso do peregrino

Cativo em galé de mouros,
Sem vêr nunca a luz do dia,
Adormentavam-se as magoas
Ao quebrar da maresia.
Tão longe da minha terra,
Tinha só por companhia
Aquelle remo pezado
Com que remava á porfia;
Contava-lhe os meus pezares,
Pois só commigo gemia;
De dia o tinha abraçado,

De encosto á noite servia.
Que vezes, morto de sêde
Amargo choro bebia,
As virações enchugavam
No rosto a lagrima fria.
Pensando na minha terra
A pensar adormecia;
O amor que me lá ficara
Em doces sonhos o via.
As saudades me matavam;
Matava-me essa agonia,
Aos ventos mandava as queixas
Que o temporal confundia.
E aquella mourisma perra,
Com falsa fé entendia
Que eu levantava a borrasca
Se os olhos ao céo erguia.
Quantas vezes desejara,
Ai quantas vezes queria
Vêr-me d'ali para fóra,
Ir contra uma penedia.
A Virgem Santa Maria

*

Quiz salvar o desgraçado,
Desfez-se a barca veleira
Contra um rochedo escarpado;
Se ali me salvei da morte,
Não pude fugir ao fado,
Que pobresinho me trouxe
Á terra aonde fui nado.
Achei minha mãe na cova,
O meu amor já casado!
Fez que me não conhecia,
Vi que não era lembrado.
Perdi o gosto da vida,
Para o que estava guardado?
Andei cativo de mouros,
Não fui assim maltratado.

X

Mal acabára a narração, as lagrimas
Já dos olhos de Dulce se desprendem:
São lagrimas de uns olhos de criança,
Mas confissão de amor não ha mais breve.

— Tel-a eu feito chorar... que pena, Dulce!
O que eu sinto por si, dava-me força
De o calar para sempre, se eu soubera
Que lhe trazia magoa.

«Não importa;
Como gosto de ouvil-o! agora conte
Historias sem pesar, contos alegres.

— Eu, soldado, a discretear com damas?
«Mas na corte... lá nos serões vistosos...

— Inspiram-nos por lá beijos furtivos...
Disse Jorge em segredo.

«Os beijos mentem,
Senão dera-lh'os d'alma e com vontade.

Estas palavras quasi imperceptiveis
Inebriaram Jorge; o cavalleiro
Nunca encontrára distinção tamanha.
Quiz disfarçar a commoção profunda,
Quasi alheio começa uma ballada
Da sua infancia uma memoria linda:

O cego amador

«Por tão mau caminho,
Sem quem vos guiar,
Meu pobre ceguinho
Aonde ireis dar?
Por uma ballada,
No velho solar,
Terias pousada
Querendo ficar!
— Ceguinho, ceguinho,
Que vive a cantar,
Eu busco sosinho
As praias do mar.
Da noite a neblina
Cobriu o luar;
Quizesse a menina
Ouvir-me cantar?...

«Cantae a ballada
De um Conde gentil,
Que obrou na Cruzada
Façanhas ás mil!

Por noites escuras,
No vosso arrabil,
Cantae aventuras
Do Conde gentil.
— Dizei-me, senhora
Da graça infantil,
Se aqui visse agora
O Conde gentil,
Que dereis ao cego
E ao seu arrabil?
«Vae tudo em socego...»
— Já rasgo o mandil.

E o cego fingido
Largou seu bordão;
Transpoz não sentido
Ligeiro o balcão.
D'aquella aventura
De viva expansão,
Nem mesmo murmura
Subtil viração!
A aurora em socego
Reluz na amplidão,

E o Conde era cego
Mas só de paixão.
Por uma ballada
Da lua ao clarão,
Deu-lhe ella pousada
No seu coração...

Não pôde agora Dulce ter o riso,
Vendo um retrato da paixão occulta
Que rebentara entre ambos. Indiscreta,
Com a graça invencivel dos quinze annos,
No feliz abandono da innocencia,
Colou a face aos labios do guerreiro.

XI

Susteve-a por momentos entre os braços,
Beijou-a descuidado d'este mundo;
Mas subito acordou do aério sonho!
Parecia impossivel a loucura,
Cobre a fronte a vermelhidão do pejo,
Dizendo para Dulce em tom confuso:

— Bocca fresca, bocca fresca,
Bocca fresca, sim senhor?
Nunca vi jarrinho novo
Mais tocadinho de amor.
É como carta fechada,
Ou como o botão da flôr;
Dentro se guardam segredos,
De perfume encantador.
Bocca fresca, aonde bebo
Uns haustos que dão calor;
Beijos de tanta doçura,
Sôrvos de tanto furor.
Se tem a gruta do bosque,
E a veia d'agua o frescor
Que ao pé d'ella se respira
A qualquer hora que fôr!
O cabritinho das brenhas
Suspenso do alcanfor,
Não acha no gômo novo
Como eu tanto sabor,
Só em vêr que és a vergontea
D'onde côlho o meu amor.

XII

Vira tudo o negrento Jesuita!
O vivo amor a maldição lhe exalta;
Jurou cobrir de lucto aquellas almas.
Jorge Coelho de Albuquerque, altivo,
O mais bizarro cavalheiro, logo
Se acercou de Mem Vasques: — A vós peço
A mão da bella, encantadora Dulce.
Benção celestial choveu sobre ambos.

XIII

Na orla do horisonte o sol se afunda,
Ríspido o vento sopra do nordeste,
Palidas sombras vão-se amontado,
Formando a negridão da noite feia.
Sobre o convés a marinhagem crente
Se perfila, e á hora do sol posto
Resam a *Salve* com fervor piedoso.
Era energico o som d'aquellas vozes
Rudes, cansadas, cheias de verdade:

A Salve dos Mareantes

Em nome do Padre e Filho,
Do Espirito Santo, amen!
Digam a salve Rainha,
Em boa intenção de quem
Seu fado mau faz andar
Por sobre as aguas do mar.

Salve! Rainha dos Anjos,
Senhora mãe dos afflictos,
No meio da tempestade
Ouvís os cançados gritos
Dos que andam sem descansar
Por sobre as aguas do mar.

Sois a doçura da vida,
O porto de salvamento;
O vosso manto azulado
Se estende no firmamento,
Formosa estrella polar,
Por sobre as aguas do mar.»

Reverbero final do sol da tarde
Reflectiu-se na vela branca, ao longe,
De um Bergantim perdido na distancia.
Os olhos todos para ali se fitam;
Outras velas, mais velas descortinam.
Que será? Desconfia o velho mestre,
O capitão sorri. Juntos segredam...
Cheio de raiva brada o Commandante:

— Vem piratas francezes sobre o esteiro
Da lusa nau! Podiamos fugir-lhes
Protegidos na escuridão da noite,
Que faremos?
«Á capa e o combate!»
Gritaram todos em tropel medonho.

Aprestam-se os canhões e os machados,
Alegre canta a marinhagem brava;
Ia a Nau *Frol do Mar* singrando airosa,
Como garça real ante a rajada.
Lá sobre a madrugada, mal desponta
O primeiro dilúculo, se avista

Um Bergantim francez, veleiro, ao perto;
Falaram, mas não foram entendidos,
E aos acenos responde-lhes metralha.

XIV

Celérrimo o corsario se aproxima,
E emquanto orça a bombordo, descarrega
Trinta canhões por banda. Sacudida
A *Frol do Mar* se afasta, como a fera
Que se aparelha ao salto. Á nau franceza
Vem de encontro, para metel-a a pique.
Contra o 'sporão o cavernâme geme,
Um rombo enorme lhe abre. Ouviu-se grita
De infernal, sanguinario desespero.
Redobra o fogo; o mastro de mezena
Faz-se em estilhas vão com elle as Quinas.
De valor os prodigios não tem conta!
Ao mastareo real subiu á pressa
Um gageiro a hastear nossa bandeira,
Sobre elle os tiros fervem, não tem medo;
Firme sustenta no alto o estandarte

Emquanto se prolonga a atroz peleja.
— Portuguezes! (bradára o Commandante)
Sois dignos d'este nome!
Isto dissera,
Quando um fumo caliginoso e espesso
Começa a erguer-se do corsario. Ardia!
Lavra o incendio horribil. Albuquerque
Teme o paiol do Bergantim, e manda
Para a nau *Frol do Mar* vir os vencidos.
Faz-se ao largo, e não era bem distante
Que ouviram ecco de explosão tremenda.

E a nau seguiu na mesma singradura,
Vencidos leva os asperos sycambros.

XV

De todo se perdera no horisonte
O fumo do combate; o tombadilho
Tinto de sangue e cheio de pelouros
Do feito denodado lembra a gloria.
Foi golpe decisivo, mas gigante,

Fez pender o combate inopinado.
Agua aberta levava a nau; debalde
Se procura vedar.
Eis de repente
Se avistá á prôa um galeão de Hollanda.
Vem sobre a nau; mas Jorge de Albuquerque
Manda içar o estandarte lusitano!
Por salva, atira toda a artilheria.
Responde-lhe de lá nova descarga;
Um combate mortal se trava; varre
A metralha o convés dos dois navios.

O Commandante intrepido descobre
Que uma bala dospedaçara o leme;
Não obedece ao mando a nau possante.
Elle vê a catastrophe imminente,
Teme a traição dos prisioneiros francos.
Denodado recurso de vencido!
Grita aos seus :
— Abordagem! abordagem! —
Ganchos de ferro atracam a galera
Do pirata hollandez; unem-se, embatem-se

Como na arena dois gladiadores.
Os machados pezados se despenham,
Em vez dos bacamartes luzem facas.
Não se ouvem gritos, só pancadas surdas!

O Commandante portuguez conhece
A traição dos francezes prisioneiros,
Brada aos seus, mas a embriaguez do sangue
Não deixa ouvir.

XVI

Na confuzão sedenta,
Alvaro de Lucena, o Jesuita
Andava, erguido ao alto um crucifixo!
Dulce a seus pés caíra desmaiada;
Um sicario francez ia a roubal-a,
Quando Jorge de um golpe o lança em terra.
Volta a si a menina; o padre fala:

«Oh salva-nos do angustioso transe,
«O Senhor hade ouvir a tua prece!

«De teu pae pela vida; pela sorte
«De nós todos, um voto da tua alma!
«Dedica a Deos a tua virgindade
«E n'um instante nos verêmos livres.»

Deu-lhe a Cruz a beijar. Dulce profere
Voto inconsiderado. Pouco a pouco
A galera hollandeza se afundava;
Houve um grito de regosijo immenso
E alarido de concentrada raiva.
Triumpharam mais outra vez as Quinas!
Como se afunda a mó do Apocalypse
O pégo sorve esse veloz corsario.

XVII

Ao outro dia, eis que avistaram terra,
Terras de Santa Cruz. Poucos morreram
No combate sangrento; aquella vista
Alegra, alenta os lassos mareantès!
E ao raiar da vistosa madrugada,
Na bahia de Pernambuco entraram;

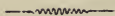
Salva de artilheria os annuncia.
Desembarcam! Alguem na praia espera,
Na capella da Virgem, sobranceira
Ao mar, o padre Anchieta estava. Acenam...

O Bravo de Uiraçába fica absorto
Ao vêr Dulce, a visão encantadora!
Beijam a terra os nautas ao tocal-a,
Juntos vão render graças na ermida.

Ficou fóra o selvagem. Mudo escuta
Psalmo choroso que resôa dentro,
Alfim quebra o torpor em que jazia:

«É esta a voz suave,
A voz que me adormece!
Nenhum cantico de ave
A sua voz parece.

Trouxe-a a brisa dos mares
Da Mayri lá dos brancos;
Hãode os nossos palmares
Para ella ser francos.

Não se me dá que a morte
Acompanhe seus passos;
Ande sob os seus pés
O meu corpo aos pedaços.»

CANTO TERCEIRO

DESCOLORIDA

I

Jaz sombranceira ao mar a fortaleza
De Pernambuco: altiva sentinella
Da portugueza, hoje apagada gloria.
D'ali se alcança em baixo a capellinha
Onde Dulce resara a ausgusta prece:
Não tinha ainda derramado os olhos
Pela magica e extranha perspectiva,
Quando um sêcco ruido e vozeria
Veiu acordal-a do agitado somno.
Era o guerreiro de Uiraçába, o chefe
Da tribu mais audaz, mais destemida,
Que vem dar preito ao pendão das Quinas;

O côro dos Moranduçáras segue-o
Executando os rapidos maneios
Que elle n'um gesto imperioso manda:

«Tocae a maráca
Valentes do bosque!
A serpe das dansas
Sedenta se enrosque.»

Que infernal confusão, que tropelia!
O Bravo mede os passos com a vista:

«Os lobos famintos
Saíram da toca!
Retrôe a maráca
Na rija itaóca.»

E cada vez com mais fragor as dansas
Se alargavam na vasta fortaleza,
Como a ronda da noite de Walpurgis.
E prosseguiram, se não fôra a vinda
De Duarte Coelho; elle é temido

Como governador, homem antigo!
Vem Jorge, seu irmão, Dulce, Mem Vasques,
A vêrem estes usos, estas gentes.

II

Diz Duarte Coelho aos seus:
— É esta
A tribu mais indomita das brenhas!
De paz com ella tem as santas Quinas
Um perpetuo concerto. Mas eu tremo...
(Volveu a medo e como a olhar em roda)
Eu tremo quando vejo um Jesuita
Andar pelo sertão; que o padre instiga
De continuo o selvagem á revolta!

Depois volveu ao Bravo taes palavras:

— Bem vindo é o guerreiro a quem adorna
A mais brilhante e singular plumagem!
É feliz a alegria que me inspira
Homenagem sincera.

III

N'isto, o Bravo
Se lança em terra; ali depõe as armas:

«Meu arco, aljava e settas
Deixo tudo a teus pés!
Minha firme alliança
É franca bem o vês.»

Eis que o governador lhe entrega as armas,
Retribuindo o abraço com que sella
A paz jurada. Salva a artilheria!
E ao ribombo estridente se revolve
Na mente do selvagem negra ideia:

«Se a tribu hoje soubesse
Que o chefe mais altivo
Atraiçoôu, fazendo-se
Aqui mesmo cativo?

O amor, o amor só póde
Tornar minha alma escrava!

Que outro poder vencêra
O Bravo de Uiraçába?»

Ergue os olhos do chão e vê ao perto
A visão que de longe se entreabria;
Vê Dulce, o devaneio vaporoso,
A voz que chama sem saber de d'onde!
Voltou-se para ella, a medo, simples
Na sublime rudeza, na candura
Da impolluta verdade da sua alma:

«Virgem annunciada
Nos sonhos de Jurema!
É o rir de tua bocca
Alegria suprema.

Como são loiras
As tuas tranças!
Assim nas matas,
Por entre as franças
Branca Jacy
Teus raios lanças.

Mãos delicadas
Feitas de neve!
Beija-as o lyrio
A furto e leve.»

Ia para beijar a mão tremente
O nú do coração; Dulce recúa!
Mas Jorge de Albuquerque o arremete,
Quasi para deitar-lhe a mão...
— Suspende!
Brada o governador — não vês que ateias,
Assim, cruenta e escusada guerra?

IV

Tinham chegado os padres jesuitas,
Alvaro de Lucena e Padre Anchieta;
Perceberam de arteiros o conflicto!
Tudo ajuda os seus planos:
«Vê, repára
«Na paixão que inspirara Dulce ao Bravo!
«Oh! como elle se exalta a cada instante.»

Nem Lucena sabia este segredo.
Alfim devolve ao mestre:
—«Ella não sabe
Quanto amor o selvagem sente ao vel-a;
É bom! é bom que o amor se fortifique.»—
«Dulce trará para o redil de Christo
«Este indigena bruto! É santo o preço
«Com que paga esse amor, pois n'estas plagas
«Faz diffundir a luz do Evangelho.
—«São de Apostolo, mestre, as vossas falas;
Mas Dulce fala e ri tão distrahida
Com Jorge de Albuquerque!»—
«Occulto plano
«Trago na mente; em breve é d'aqui longe
«O galhardo mancebo! É rifão velho,
«O amor nasce da vista. Oh não te esqueças
«Que trazemos uma alma ao christianismo.»
—«Mas como afastaremos Jorge e Dulce?»—

«Chiton!» devolve Anchieta; e vagoroso
Do Bravo de Uiraçába se aproxima,
Falaram em segredo, longamente:

«Oh bravo de Uiraçába,
«Dize-me tu, se ainda
«A tua horda soberba
«Não atacou Olinda?»

Como a onça da brenha, refalsada,
Logo o selvagem percebendo o padre,
Respondera na lingua não sabida:

«Dei ordem ao assalto
Hoje ao alvor primeiro!
Um traidor pytigoar
Será o mensageiro.»

«Pódes estar seguro da promessa!
«Hade a virgem dos sonhos de Jurema
«Pender entre teus braços. Diz Anchieta:
«Abraçando-a, abraça a fé de Christo.
«O puro amor de Dulce ao céo eleva!»

Um frenesim de jubilo se apossa
Do selvagem ridente; manda á tribu
Começar outra vez extranhas dansas:

«Tocae a maráca
Valentes do bosque!
Á serpe das dansas
Que se desenrosque.»

Ficou deserta a fortaleza. As hordas
Vão-se embora e com ellas vão os padres,
Os solitarios do sertão. Receia
O bom governador da santidade;
Quem ousará tugir? Não acabava,
Quando ali surge, como por encanto,
Desguarrado tapuya, annunciando
Novas ruins, e novas de alvaroto:

«Senhor! novas trago:
Um fero cabinda
Cercou na alvorada
O forte de Olinda.»

Já Duarte Coelho não se espanta
Ouvindo a aterradora novidade;
Por instantes deteve-se calado!

Percebeu d'onde vinha esse desastre.
Que importa? se a coragem lhe dá força!
Não longe estava Jorge, esbelto, airoso,
Todo fervor e crença e patriotismo!
Garbo e donaire inspiram confiança.

V

«Jorge! (lhe diz o irmão) como és criança!
Contas vinte dois annos: ninguem sabe
Assim do mar como da terra os lances,
Como tu meu irmão! Eu sou herdeiro
D'esta Capitanía; a cada instante
Me sinto accommettido do gentio.
Para o reino pedí auxilio: eu disse
Que um só braço podia n'estas plagas
Fazer de portuguez temido o nome:
Era o teu. E bem hajam a Rainha
E seu neto, que á empreza te chamaram!
Estas Quinas imploram teu soccorro,
Acode prompto ao cerco traiçoeiro;
Alto serviço n'isso a Deos tu fazes,

Á patria, a ti. Provar podes agora
Alma de portuguez! Salva-me Olinda.
— Pela Fé, pela Patria rompi mares,
Affrontei do hollandez a catadura,
Fomes, tormentas, mas eu quero, eu quero
Morrer por ellas no palmar longiquo! —

Assim dissera Jorge inabalavel;
Dulce, não longe, ouvira e entristecera,
Baixou o rosto como um lyrio pende
Quando se esvae ultima luz da tarde!
Dulce, ainda na aurora da existencia
Vê cerrarem-se á vida os horisontes,
Rosa descolorida!

VI

A soldadesca
Prestes desce á bahia; vae na frente
Por Commandante Jorge d'Albuquerque.
O dia declinava, aziago, triste;
A virgem sóbe anciada ao promontorio,

E contempla no vacuo que lhe fica.
Que diriam no perturbado aceno:

«Luz e calor
Da minha vida:
A voz me falta
Na despedida.

— É para ti,
Alma d'esta alma,
Do meu triumpho
A verde palma.

«Não te entristeça
Cruel distancia,
Tu bem conheces
Minha constancia.

— Se nos sepára
A morte dura,
Como eu te amára
Na sepultura!

VII

Esfuma-se no vago a barca bella,
E n'essa hora tranquilla inda se escuta
Com a ressaca a voz dos mareantes:

« . . . .
Adormentavam-se as magoas
Ao quebrar da marezia!
Tão longe da minha terra,
Tinha só por companhia
Aquelle remo pesado
Com que remava á porfia.
Contava-lhe os meus pezares
Pois só commigo gemia;
De dia o tinha abraçado,
De encosto á noite servia.
Quantas vezes morto á sêde
Amargo choro bebia!
As virações enchugavam
No rosto a lagrima fria.
Pensando na minha terra
A pensar adormecia;

O amor que me lá ficara
Em doces sonhos o via.

. . . . »

Emquanto Dulce alonga ao mar os olhos
Rasos de agua da amarga despedida,
Sente ao perto um rumor. Repara: o medo
A voz abafa, e tira o movimento!
Era o selvagem que a adorava em terra.
O intrepido guerreiro das florestas
Se aproxima com susto, e brando fala,
Toma-lhe uma das mãos, nevada, fria:

«Ouvindo a tua voz,
Senhora, não resisto!
Venho pedir-te a sós
Me ensina a fé do Christo.

. . . .

Caem-lhe em abandono
As tranças do cabello;
Oh brisas, com disvello
Vinde embalar-lhe o somno.

Assim linda, prostrada,
Parece a sensitiva
Se uma nuvem dourada
Da luz do sol a priva.

Ai quem me dera agora
Ter a voz de carinho,
A voz que tem, senhora,
O colibrí do ninho.»

VIII

Eis que os dois padres Jesuitas surdem.

«Venerandos pagés! oh não perturbem
O somno d'esta virgem de Jurêma!»
Bradara o Bravo extactico de goso.
Dulce acordára de um lethal deliquio:

«Que voz magica é esta que fascina,
E me confrange e quebra?»

Volve Anchieta:

«Olha a teus pés a humilde creatura,
«Bruta, como a produz a natureza,
«Cega, como quem anda sem ter crença!
«Infunde a luz n'aquella mente obscura.
«Oh baixa ao limbo da sua alma ignava,
«E fala-lhe de amor, do céo, de Christo!»

O Bravo:

Eu acceito o baptismo,
Se Dulce amor me jura!

Anchieta:

Abre-lhe o paraiso.

Dulce:

Abrem-me a sepultura.

CANTO QUARTO

NOITE ESCURA DA ALMA

I

Depois que Jorge fôra para a guerra,
Não teve mais um hora de descanso
A lastimosa Dulce. Feral sombra
Lhe empana o rosto affavel, delicado.
O noivo anda perdido ha tanto tempo
Pelo sertão espesso, combatendo
O pérfido gentio. Jorge ignora
Do baptismo ao selvagem que detesta
Dado por mãos de Dulce. Deos! mal haja
Quem faz o crime á sombra da innocencia.

II

Ouve-se um côro marcial distante,
Ruido de atambores, vivas, hymnos
De marcha triumphante; já se avistam
Hasteados pendões a tremularem.
Á frente lá vem Jorge de Albuquerque,
Cavalleiro gentil, enamorado;
Poucos dos seus regressam; vem ufano
Com a gloria nas armas alcançada.
Sae ao encontro ali Duarte Coelho,
Abraçam-se os irmãos.

— Irmão, é salva
Tua Capitanía! —

E entrega a espada.
Os que em redor estavam choram, vendo
A honradez de tão galhardo moço.
Com effusão de jubilo o abraçam,
Só Dulce fica immovel, indecisa
Como quem se recolhe a sós comsigo.
Jorge, franco e leal, moço e alegre,
Aproxima-se, e vem sem extranhesa,
Diz, lançando-lhe os braços, a sorrir-se:

— Não penses que a victoria,
Dulce, é tua rival!
Fiz respeitar o nome
Do velho Portugal.

Eu fui e vi Olinda,
Como Cesar, venci!
E no combate ainda
Nem lá eu te esqueci. —

Dulce com voz entrecortada, a medo
Vagamente articula e balbucia:

«Que saudade cruenta
O coração me rala!
Parece que me alenta
Ouvindo a tua fala.»

Ia atirar-se aos braços do amante,
Quando ao pé, de repente, surge Anchieta,
E vem padre Lucena apostrophando:

«Detem, Jorge, a profanação medonha!
«Oh não toques na virgem consagrada;
«Ella fez voto ao céo do seu futuro.»

—«Vês este crucifixo ao alto erguido?
Este mesmo eu ergui inda mais alto,
Lá quando o mar bramia e retumbava
Com a metralha do hollandez pirata.
Dulce jurou sobre este crucifixo,
Pela vida de um pae que amava tanto,
E pela salvação dos que se viam
No mais horrendo transe da abordagem;
Jurou ser pura ao céo; lembra-te de isto!»—

Aterrado recúa Jorge; Dulce
Sentiu entrar-lhe a morte dentro d'alma,
E o gelo do sepulchro ir extinguindo
As affeições que o coração sentia.

III

A este tempo o sino das trindades
Soôu da torre da formosa ermida,
O som pelas quebradas se repete.
A guarnição da lusa fortaleza
Com respeitosa crença se perfila,
Inspira crença a resa do soldado.
Com respeito e fervor intimo entôa
A mimosa oração que os anjos cantam:

Ave Maria

Já na ermida solitaria
Bateu trindades o sino;
É quando nascem saudades
Dos tempos que era menino.

«Ave! cecem mimosa,
Maria, mãe de Jesus!
És da pureza o escudo,
És do mundo aurora e luz.

«Maria, nome de graça,
Ave! eleita do Senhor;
Com teu azulado manto
Amparas o peccador.

«Ave! rainha das virgens,
Flor dos valles de Judá;
Tens no teu seio o perfume
Dos incensos de Sabá.

«Oh, bemdita entre as mulheres,
Firme tronco de Jessé:
Desprendeu-se dos teus braços
O fructo de nossa fé.»

Já na ermida solitaria
O sino bateu trindades;
É quando os anjos na terra
Choram do céo com saudades.

IV

Terminada a oração, Jorge procura,
A constristada amante; quer falar-lhe,
Afastar-lhe o terror que a vence e prostra,
Não dá com ella, chama... em vão a busca!
Todos ficam solícitos, não sabem
Aonde jaz a entristecida virgem.

Um presagio de morte aziago nasce,
Á luz de fachos pelas aguas remam
Em busca do seu corpo!

V

Ao outro dia,
Pelas florestas dentro vão errando,
Mem Vasques, Jorge, e os padres Jesuitas
Que sabem as veredas das balseiras.

Dulce andava alheiada, espavorida;
Os vestidos rasgados pela sarça,

Os pés ensanguentados, sem dar tino:
Ia falando a sós, como em segredo,
Linguagem desconnexa, interrompida:

« Enlutaram-me a vida
Sem remedio!
Tornaram-m'a soturna, aborrecida,
Com o tedio.
Converteram meu sonho
Em chimera!
Sinto que me envergonho
Do que era.
E eu era uma criança
Descuidada!
Hoje é minha esperança
Sombra, nada.
Ando por esta brenha
Confundida!
Não sei se vá, nem venha
Mais perdida.
Perdida alva açucena
Entre abrolhos;

Perdida a luz serena
Dos meus olhos,
São lagrimas rosario
Na clausura!
Tu, véo, és um sudario
E sepultura.
Voto feito com medo
Na tempestade!
Matarem-me tão cedo,
N'esta edade!

V

De Dulce o canto dirigira o passo
Ao namorado, e ao pae que a procuram.
Era ás margens de um caudaloso rio,
Cercado de salgueiros pelas margens;
Brando arruido acompanhava o canto...
Vão apoz a donzella. Os Jesuitas
Por um atalho cortam, vão saír-lhe
N'um ápice ao encontro. Aquella vista
Inesperada assusta a fugitiva!

Vê no burel a negridão do inferno,
Leve se furta, quasi ás mãos a tomam,
Arqueja de fadiga, chega á margem
Na corrente febril se precipita!
Quando Jorge chegou, só pode vel-a
Á flor d'agua levada, como a rosa
De uma verde grinalda desprendida:
Quer lançar-se á torrente! padre Anchieta
O segura por feitos e palavras,
Ante os olhos lhe poz um Crucifixo.
Jorge fala com ironia acerba:

A um Crucifixo

— Pregado em uma cruz de ebano expira!
O alvor do corpo de marfim deslumbra
A vista que divaga na penumbra
Dentro da cella aonde a alma lá suspira.

Cada pisada chaga é de saphira;
Reluz na sombra que o altar obumbra!
São aljofres as lagrimas... Ressumbra
Em tudo a dôr que em extasis delira.

Doce Jesus! sem conhecer a vida,
E sem saber porquê, na flôr da edade,
Chora a teus pés a infancia amortecida:

Vêr perder-se a alegria, a mocidade,
E vêr-te exangue n'essa cruz erguida,
Qual fará, bom Jesus, mais piedade? —

VII

Assim falára, quando de repente
Sentiu-se prompto o baque de agil corpo
Na corrente das aguas. Olham todos
Para verem se algum jaguar surgira!
Viram nadando o Bravo de Uiraçába;
N'um momente elle alcança a flor caída,
Tral-a á margem. Mas Dulce estava morta.

Jorge abraça o selvagem. Sem fadiga
Sustem o Bravo o corpo inda nos braços,
Os padres o rodeiam; elle fala:

« Em vida ella era vossa,
Esta flor delicada!
Nas vossas mãos inertes
Murchou-se, abandonada.

É bem que hoje na morte
A abrace um instante;
Adormecida é bella,
Não sou eu seu amante?

Oh Colibri saudoso,
Cantas a boa nova,
Que manda o que repousa
Para sempre na cova.

A tarde vem descendo,
O meu dia é findado;
Venha o gélido somno
Tendo Dulce a meu lado.

E com furor o corpo aos hombros lança!
Perto estava um outeiro; presto sóbe,

Seguem-no os outros pavidos com a vista...

Eil-o que chega ao cume, e lá do alto
Do boré tira um penetrante silvo.
Os eccos interrompem o silencio
Da mais vetusta e secular floresta;
Outro silvo agudissimo repete
O signal de perigo, ao qual se ajunta
Ardida tribu canibal, sangrenta.

De improviso, de cada canto saem
Vultos sem fim de alipedes guerreiros;
A falda da montanha se enegrece!
Alfim retrôa o derradeiro toque...
Ao rumor a mudez funerea segue,
E os maioraes da tribu perguntaram:

— Guerreiro! tu chamas,
O que é que decretas?

« Entrego o meu arco,
Aí estão minhas setas.

Trahi minha tribu,
Não devo ser rei!
Da selva as veredas
Ao branco ensinei...

As crenças antigas
Que ouvi de Sumé,
Troquei-as por outras,
De Christo é a fé.»

Isto dissera o Bravo arremessando
O carcaz para a multidão suspensa;
Elle immovel, de pé o peito amostra,
Chuveiro de yatagans o atravessa!
Ouviu-se pela immensidão das matas
Côro horrendo, soturno, pavoroso:

—A seta que parte
E as feras amansa,
Do indio trahido
Proclama a vingança.

AUTO POR DESAFFRONTA

DRAMA

FIGURAS

Gil Vicente.	Briteiros
Um Embuçado	Mestre Inigo
Paula Vicente	A Tia Brazia
Ayres Rosado	Frei Mendo

Frades e Cavalleiros dos serões da Corte
de Dom João III. No Convento
de Thomar, em 1523.

ACTO PRIMEIRO

AS NOVAS DA INDIA

Interior de uma habitação modesta; uma meza de estudo com livros e manuscriptos; mascaras e roupagens para a reprezentação de uma farça. Porta ao fundo, janella e porta lateraes. É noite.

SCENA I

PAULA VICENTE, pensativa; GIL VICENTE, entrando desapercebido.

GIL VICENTE, *contemplando a filha:*

Ella chora! Meu Deos, é bem profunda
A dor que a vence, pois não deu ainda
Pela minha chegada! Santas lagrimas
Vão pelas faces tacitas correndo,
Uma a uma dos scintillantes olhos.
Eu tenho medo de acordal-a! Custa
Vel-a soffrer assim, e em silencio,
N'esse espasmo da angustia! (*Aperta-a nos braços.*)

Filha, filha,
Dize o que te magôa? a despedida
De teu irmão, de um filho para a India,
Tem-nos custado tantas agonias...
Para que pensas sempre n'estas cousas?
Gil era a minha gloria, o meu orgulho;
Fui eu só que o perdi. Ai, Deos! Não chores,
Deixa só para mim a dor tamanha!
Não te quero perder tambem tão cedo.

PAULA, *inclinando o rosto sobre o peito do pae:*

Que vale a vida para que a choremos!
E' a gloria, meu pae, uma mentira;
Para que andamos sempre a procural-a,
Se é sombra do dezerto, enganadora,
Mal se vê, logo deixa o frio vacuo
De um mentido, frenetico desejo?
A vida o que é, senão eterna lucta?
Um fluxo e um refluxo interminavel;
Descancemos de vez no anciado porto.
Deos accolhe os que soffrem! É já tempo,

Eu quero repousar na paz do claustro,
Cingir-me do burel da penitencia,
Esconder-me na augusta soledade,
De lá voar, voar para as alturas.
Minha alma sente já a vida nova,
Uma alegria, as musicas de dentro,
Que na terra ninguem soube entoar-lhe.
Oh! Deixae-me abrasar no amor divino,
Jesus, é o esposo que tão doce chama
Ao hymeneo do empyreo.

GIL VICENTE, *para si, espantado do delirio mystico da filha:*

Pobre filha...
A verdade na bocca da innocencia!
Não encontrou sua alma, quem no mundo
Ao menos lhe dissesse uma palavra,
Um segredo de amor, que a arrebatasse
A um mundo de luz, paixão e vida!
Ella se eleva agora irradiante,
E foge-me n'um extasis celeste!

(Depois de alguns instantes de silencio; alto, para a filha:)

Paula! Paula, meu unico thesouro,
Porque me desamparas na velhice?
Não me deixes no mundo solitario
Affrontar a desdita! Deos é justo,
É sabio, e bom; não quererá levar-te,
Vir arrancar-te do meu seio, filha!
Deos sabe as provações que d'hora em hora
Me envia sempre; poupar-me-ha só essa.
Filha, o que valem mundanaes escarneos?
Vêem-te feia? Perola na concha,
Não lhes seduzes avidos sentidos!
Que importa esse abandono, se o teu genio,
Se o genio iguala Deos! Olha, mal sabes
Que transe o meu espirito atribula,
Que duvida me cerca? E eu não succumbo!
A divina Theoria ao mar, aos ventos
Impavida se arroja, e leva em prôa
As ribas do futuro imprescrutavel.
E dizem que não são de invenção minha
Os Autos que escrevi, com que divirto

El-rei e a Côrte! os nossos pobres Autos!
Já viste dor maior? E eu não succumbo.
Dizem que eu desterrei tambem meu filho,
Que o mandei para a India! receiando
Que me offuscasse a luz do seu engenho!
Oh não ha dôr egual! E eu não succumbo.
O que dirão agora esses malvados,
Raça abjecta de tonsurados bonzos,
Se virem que tambem me desamparas,
E professas a regra de um mosteiro?

(Ouve-se bater levemente á porta.)

SCENA II

Os mesmos, e depois AYRES ROSADO

PAULA, *attenta:*

A voz de Ayres Rosado!

GIL VICENTE:

O escudeiro

De fraca moradia? Ayres Rosado,
Esse que infindas gargalhadas tira,
Quando entra n'algum Auto? (*Corre á porta*)

AYRES ROSADO, *confuso:*

Aqui, por certo,
Não suspeitaes o que me trouxe á pressa,
Em horas tão remotas?

GIL VICENTE:

Caso grave?
Tu o dirás, se não descubro o fito.

AYRES ROSADO:

Dizem-me que celebraes
Um Auto novo ante El-rei...
Obra que é ouro de lei,
Um assombro, e muito mais!
Um auto em que rompeis forte

Contra o bando tonsurado,
Que assim vos tem afastado
Ha tanto tempo da corte.
Desaffrontae vosso engenho!
Alegrei-me quando o soube,
E tanto, que em mim não coube;
Por isso agora aqui venho....
Para vêr se entro na farça,
Ao menos como comparsa...

GIL VICENTE:

Oh! bravo, Ayres Rosado! inda és o mesmo,
Esse histrião nocturno, que deu nome
Á minha farça de *Quem tem farellos?*
Em ti conheço o mesmo enthuziasmo,
Esse ardor que nos salva. A edade cansa;
As intrigas da corte me fatigam;
E a miseria por fim! Não sou o mesmo.
Em vez d'aquelles sonhos deslumbrantes,
Em que eu via transfigurar-me a gloria,
Tenho insultos, opprobrio por ameaça.

Dos thesouros da minha phantasia
Só tenho a mão mirrada da indigencia;
A si me estreita! que intimos nós sômos.
Mataram-me, apagando em mim o fogo
Da ardente inspiração! Ah, não se esgotam
As fontes de um abysmo que se agita
Dentro d'esta cabeça. Eu quero, um dia,
Confundil-os! vís barbaros! negarem-me
Os Autos que são meus? darem a gloria
Aos estrangeiros, quando ella é só minha!
(Cae pensativo.)

PAULA, *abraçando-o:*

Se vos apraz, senhor... Meu pae, falemos
Sobre cousas que tragam menos magoa.

GIL VICENTE:

Esta febre do odio mais me anima,
É o rancor a inspiração que tenho!
Mas estas cousas doem-te, é verdade,
Não quero contristar-te!...

PAULA, *interrompendo:*

Só agora,
Ayres, vejo os soberbos rendilhados
Do vosso gabinardo.

AYRES, *sorrindo, por se vêr todo roto:*

Não sabia
Que estava tão mal trapido!
Bofé, que me vi comido
Dos cães n'uma mouraria.

PAULA:

Como assim?

AYRES:

D'esta maneira:
Logo pelo lusco-fusco,
Enfio o tabardo e busco

As tavernas da Ribeira;
Ouvi lá uma noticia
Que a Mestre Gil muito int'ressa ;
Por becos, a toda a pressa,
Vim, n'hora menos propicia.
Verdade é — do que atalha,
Diz o ditado, rodêa;
Foi peor que uma alcatêa
De lobos a tal cainçalha.
Aos gritos acudio logo
Alma de perro judeu,
Ai tantas, tantas me deu,
Que fugi, ferindo fogo...

GIL VICENTE:

É noticia, já vejo, de alta monta,
Que em tamanha aventura te ha metido?

AYRES, *perplexo:*

Mensageiro...

GIL VICENTE, *suspenso:*

Da India?

AYRES:

Que ha trazido...

GIL VICENTE:

Ah! novas de meu filho?

AYRES:

E boas novas,
Praza a Deos, sejam ellas! É um velho
Já trôpego e cansado o mensageiro;
Na taverna da Tia Brazia espera.

GIL:

Eu vou! (*Saem ambos.*)

PAULA:

Não sei que atroz presentimento...

SCENA III

PAULA VICENTE

Novas de um pobre irmão! Meu Deos, afflige-me
Um presagio funesto! O amor da gloria
Desviou-o tão cedo para longe;
Gil pensou de nobilitar-se em armas!
Conhecera em criança o atroz martyrio,
A dor de um pae fazendo rir a corte,
Quando ás vezes o coração sangrava
Na pressão da agonia! Se soubesse
Que attribuem á inveja a sua ida
Para a India... como isso lhe custara!
Pobre irmão, não previu o infame golpe...
Levado pela força do destino,
Pelo impulso que arrasta aos grandes feitos...
Meu pae sem vir! (*Abre a janella, prescruta na escuridão da noute, por alguns instantes.*)

SCENA IV

PAULA e o MENSAGEIRO, entrando desapercebido.

O MENSAGEIRO:

Com as novas do Galeão da India,
Lisboa a estas horas tumultúa;
Novos louros a c'rôa lusa cingem,
Emquanto o povo chora humilde os filhos
Que pela patria lá morreram. Hoje,
A nobreza hade rir, vendo mais joias
Para desbaratar nos seus banquetes...
Oh meu Deos! onde está tua justiça?
Não me souberam da partida! Morto
Talvez me julguem sob o meu opprobrio?
Não podia morrer; quero vingar-me!
Venho desconhecido! que a deshonra,
Os annos, as batalhas transfiguram...
(*Paula dá com o desconhecido*; *elle interroga* :)
Móra aqui Mestre Gil? esse, que os Autos
Faz a El-Rei, meu senhor?

PAULA, *timida*:

Bem vindo...

MENSAGEIRO:

Trago...

Novas da India...

SCENA V

Os mesmos e GIL VICENTE.

GIL VICENTE, *entrando*:

Novas de meu filho?

MENSAGEIRO:

Mas ruins novas! nunca as eu trouxera...
Jurei cumprir este legado santo.

GIL VICENTE:

Falae, senhor! O coração pressente. (*Esconde o rosto banhado de lagrimas no seio do desconhecido.*)

PAULA, *recebendo do desconhecido uma cruzinha de ouro:*

É ella! a mesma cruz... Minha mãe deu-lh'a
No dia da partida. Morto! morto
Na flor da edade...

GIL VICENTE:

É morto já meu filho?
Dizei-me o vosso nome! Consolae-me,
Uma palavra só!

O MENSAGEIRO:

Que dor tão viva!
Se vos digo o meu nome, se o descubro,
Vou tornar mais acerbas vossas dores!
Sou Briteiros!

GIL VICENTE, *recuando:*

Briteiros? o fidalgo
A quem roubaram sua filha? Oh, nada
Me ha feito o bom fidalgo! Como fostes
Na vossa edade militar nas Indias?

O MENSAGEIRO, *olhando em roda:*

É essa a minha dor, o meu segredo,
O que me alenta a vida! E descobril-o!
Quero soffrer comvosco; vós de certo,
Sabeis o que é amor de pae. Tão linda...
Doido por minha filha, Alda crescia,
Eu sorria ao lembrar-me que ella, em breve,
Seria o esplendor da nossa corte!
E quanto mais a amava, mais tristeza
Desvanecia as rosas do seu rosto.
De uma vez, dei com ella penserosa,
A chorar distrahida. Oh! ninguem pode
Dar ao anjo que chora algum consolo,
Quando o ralam saudades de alem mundo.

Veiu acordar-me d'este sonho ethereo
Gargalhada infernal! ouvi dizerem
Que a filha de Briteiros se... Não posso!
Eu, ultimo, que soube da fugida,
Busquei-a em toda a parte; nos andrajos
Da miseria escondi minha vergonha,
Para entrar nos prostibulos. Que inferno!
Era impossivel encontral-a. Louco,
Comecei a descrer da Providencia:
Busquei a morte, mas a morte obscura.
Não queria que o tredo algoz se risse
Do velho pae, do fanatismo da honra!
Resolvi embarcar-me para a India,
Tinha sêde de sangue! Lá, anciado
Lançava-me aos recontros, mas a morte
De mim fugia com escarneo fero.
Que desespero eterno este ludibrio!
Nunca a ponta de hervada seta soube
Dar-me essa morte suspirada tanto;
Um dia, era no ardor de uma batalha,
A meu lado um mancebo se atirava
Aos perigos da luta. Perguntei-lhe:

«Porque buscas a morte?» — Pela gloria...
«E de que serve a gloria?» — É um mysterio
Sabido só por mim, sabe-o na corte
Velho fidalgo, sabe-o só Briteiros. —
Penetraram-me então essas palavras;
Conheci-o, dizendo o meu nome. Era
Gil Vicente, o enamorado de Alda!
Negando a mão de minha filha, eu tinha
Ultrajado o poeta; era o seu crime
O ser pobre e do povo! Fôra á India
Nobilitar-se em armas, pois queria
Vir de futuro a merecel-a. Punge-me
O remorso; eu bem sei que fui malvado
Dando-me a conhecer! contei-lhe tudo,
Descobri-lhe a ruina da donzella...
Sem verter uma lagrima somente
Deu-me essa cruz: — Se á patria regressares
Levae-a a minha mãe! —E deu comsigo
No sorvedouro da sinistra brecha.
Um instante depois, vi-o em terra
Caír banhado no seu proprio sangue.

GIL VICENTE, *erguendo-se:*

O meu filho! Morrer servindo a patria...

(*Emudecem todos ouvindo umas pancadas lentas na porta do fundo.*)

Oh! quem bate aí fóra?

UMA VOZ:

Abri! Depressa,

Da parte de El-Rei venho!

GIL VICENTE:

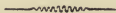
E El-Rei que manda?

A VOZ:

Mesmo hoje ireis a um serão da corte!

GIL VICENTE :

Para um serão da corte? El-rei me chama
Para fazel-o rir! Oh, quanto alegres
E joviaes não são minhas chacotas,
Quando este coração com dor estala.

(*Sae arrebatadamente.*)

ACTO SEGUNDO

NA TAVERNA DA TIA BRAZIA

Vista de interior no gosto dos quadros da eschola flamenga. Cubas e toneis dispostos em renque. Lampadario de ferro suspenso das traves defumadas. Meza oblonga e archibanco. É noite.

SCENA I

AYRES ROSADO, comendo e bebendo descuidado; a TIA BRAZIA, encostada á meza, a vel-o comer com satisfação.

A TIA BRAZIA, *á parte:*

Quero-lhe como a um filho. Com vinte annos,
E a envelhecer na crapula tão cedo!
A palidez realça a feição meiga,
Os olhos brilham vivos, rodeados
De uma tão roxa cinta macerada.
Uma alma transviada de demonio
Com apparencia de anjo! tem o encanto,
A perdição no olhar... (*Alto.*) És assim, Ayres?

(*Batendo-lhe no hombro:*)

Dize-me como um velho que apparece
Fóra de horas aqui, todo embuçado,
Se tornou teu amigo? Mete medo
Aquella magra, esqualida figura!
Não tens pavor? estupida alegria
Debalde lhe allumia a fronte escura.
Benzo-me sempre que elle vem comtigo!

AYRES:

Não sei porque! Amigo como os outros:
Mais, talvez? uma força irresistivel
Me arrasta para elle; anda calado
Em rasão de bem longas agonias.

(*Ouve-se fóra na rua uma voz cantando:*)

«E um Gil, um Gil, um Gil...
Um que não tem ceitil,
Que faz os Aitos a El-Rey!
Aito cuido que dizia,
Aito cuido que é,
Mas não já Aito, bofé,

Como os Aitos que fazia
Quando elle tinha com quê. »

A TIA BRAZIA:

Bravo! Ayres! Tanto ha que te conheço,
Hoje, a primeira vez, em ti descubro
Que inda tens compaixão. Para que havias
Ser tu sempre tão mau? Ninguem te ensina
A ser malvado. N'essa tua edade
Nem isso é natural! Perverso? Como
Podes sel-o, se tu tens sido amado?

AYRES:

Perverso! assim me chamas, tia Brazia;
Tenho rasão de o ser. Tu alentaste
A minha infancia disvellada, affavel;
Verdade! Mas não sei de quem sou filho!
Todos me insultam só por este crime.
Minha mãe me lançou á vida, tendo
Por mim, talvez, a mesma indifferença
Com que vendeu seu corpo. (*Bebe.*)

A TIA BRAZIA:

Ayres, blasphemas,
Maldizes tua mãe. Era uma santa!
Quem te ensinou no mundo essa impiedade?

AYRES:

Era uma santa minha mãe! Por certo,
Extatica de amor me ha concebido,
Sine mácula! Enojam-me estas cousas.
(*Vae para saír, cambaleando, e tropeça em um Embuçado que entra.*)

SCENA II

Os mesmos e um EMBUÇADO.

O EMBUÇADO:

Como que vens fugindo da justiça?
Nem adiante dos olhos vês um palmo!

AYRES, *equilibrando-se:*

Quando o mar está banzeiro,
E em tempo de cerração,
A balrôa o galeão...

O EMBUÇADO:

Se a gavea não traz gageiro.

AYRES, *mudando de tom:*

Eu já te estava conhecendo! Basta
Dom Embuçado; a voz... todo esse...

O EMBUÇADO:

Dize,
Então quem sou?

AYRES:

Quem has-de ser? Não podes
Disfarçar-te ante quem já te conhece

Como as palmas das mãos. És mestre Inigo,
Soldado velho que voltou da India,
Que desancou por lá basta mourisma...
Que trouxe muitas cicatrizes...

O EMBUÇADO:

Eil-o,
Todo a teus pés rendido! Mas que fazes
Por noite velha aqui? Por horas mortas?
E solitario?

AYRES:

Acaso não te lembras
Com que officio eu entrei n'aquella farça
De Mestre Gil Vicente?

O EMBUÇADO:

Não sabia,
Pois já fizeste algum papel de Diabo?

AYRES:

De Diabo não; peor, de namorado;

E agora para nós, muito em segredo,
Ante El-Rei e a corte, brevemente,
Lá no convento de Thomar se leva
Um Auto! qual não fez Juan de la Encina,
Nem viu em sua corte o Padre Santo!
Auto, em que Mestre Gil se desaggrava
Dos que abocanham sua fama!

O EMBUÇADO:

Admira,
Ayres, que homens estupidos, malévolos
Guerrêem tanto esse bom engenho.
Querem tirar-lhe a gloria dos seus Autos
E dal-a aos estrangeiros! Elle deve
Não dar ouvidos a tal gente infame...

AYRES:

Falas como um Doutor de Salamanca,
Honrado mestre Inigo. Se te ouvisse,
Dera-te Gil Vicente bem do imo
Do coração um apertado abraço.

Não é esse o dicterio que o magôa,
Nem o que os frades adiposos dizem:
Que seja hereje, e os judeus proteja,
Inimigo de nossa fé...

O EMBUÇADO:

Que cousa
Poderão inventar que mais lhe dôa?

AYRES:

Tu da historia não sabes a metade.
Tem chegado a tal ponto o baixo arrojo
Dos tonsurados nonnos, pois espalham
Á bocca cheia, haver elle mandado
Para a India um seu filho, um que offuscava
A gloria ao pae n'este mister da scena.

O EMBUÇADO, *dando-se a conhecer involuntariamente por Gil Vicente:*

E o nome d'esse filho?

AYRES:

É Gil Vicente;
E dizem que, inda moço, compuzera
Comedia intitulada dos *Cativos;*
Mas tal inveja o pae tomara d'elle
Que para a India o embarcou...

O EMBUÇADO, *com dor:*

Tu, Ayres,
Tu crês n'essa impiedade? n'esse insulto
Á dor lenta de um pae que o amava tanto?
(*Reprime uma imprecação colerica.*)
Olha! eu tambem o conheci! amava-o
Como se ama a um rapaz de esp'ranças;
A sua alma sonhava só com gloria,
A sua aspiração era o futuro!
A inspiração ardente o devorava;
Quiz espaço mais largo para o vôo.
Na verdade, compoz uma comedia,
Era sublime! o seu retrato, feito

Com o fulgor de esplendoroso genio!
Mas vendo o pae n'uma miseria extrema,
Rindo na côrte, nos serões, ás vezes
Quando o peito sangrava lacerado
De pungentes desgostos...

(*Interrompe-se por momentos.*)

Insoffrido
N'um desespero atroz, descreu de tudo,
Destruindo nas chammas de um brazeiro
A flor primeira de sua alma! Nunca
Em seus labios se viu mais um só riso;
Sempre opprimido por sinistra ideia,
Andava afflicto, distrahido, como
Quem pensa n'um amor quasi imposssivel.
O pae em vão o consolava. E elle
Lançava-se em seus braços, com soluços,
Intercortada a voz, banhado em pranto:
«Quero a eschola das armas no Oriente!»
Não pôde o pae contrariar o impulso;
Nem da vontade inabalavel soube
Jámais a causa...

A TIA BRAZIA, *á parte:*

A causa d'isso? ai antes
A não soubéra eu, que assim me ha feito
Derramar tantas lagrimas.

O EMBUÇADO, *continuando:*

Partira
A final o mancebo para a India,
Para onde o chamava a gloria, a morte!

AYRES, *sobresaltado:*

E tu déste essa nova ao pae?

SCENA III

Os mesmos e MESTRE INIGO.

A TIA BRAZIA, *desatando uma risada estrídula ao ver entrar o vulto com quem se confundira o Embuçado:*

O acaso
Ajuda Mestre Gil sempre em seus Autos.
(*Ayres conhece o logro; vê que está diante de Mestre Gil Vicente e fica vacillante.*)

MESTRE INIGO:

Vejo-te, Ayres, de medo suffocado?

AYRES:

Pois não tomei por ti este...

MESTRE INIGO:

Quem?

A TIA BRAZIA:

Ápage!
É mecér Gil Vicente!

MESTRE INIGO *recúa. Para si:*

Não faz conta
Que veja aqui o nosso honrado Plauto

Briteiros disfarçado nos andrajos
De um histrião de becos! (*Leva Ayres.*)
Boa noite!

AYRES, *querendo detel-o*:

Não bebes?

MESTRE INIGO:

Nas tavernas da Ribeira.

(*Saem*)

SCENA IV

A tia BRAZIA e GIL VICENTE

A TIA BRAZIA:

Muitieira-má vos traga a esta casa;
Sois vós só quem, pisando altos brocados,
Se lembra inda de mim! E até n'esse Auto
Tão falado das *Fadas*, feita bruxa,
Ante El-rei me levastes... Mas se os frades
Um dia me queimarem, como querem
Fazer o que já se usa nas Hespanhas!

GIL VICENTE:

Não temas a sorte escura,
Pois entraste no meu Acto
Sómente como apparato
De rhetorica figura!
Os frades? se não fosse eu,
Que descobrí os seus planos,
Teriam em poucos annos
Queimado muito judeu...

A TIA BRAZIA:

Basta; sois perdoado. Á vossa espera
Aqui tinha guardado um môlho verde,
Capaz, tão bom que está, de pôr em risco
O preceito do mais austero monge!

GIL VICENTE:

Vejâmos isso... (*Come, a tia Brazia conversa.*)

A TIA BRAZIA:

Que receio tenho!
Talvez caro pagueis vossos motejos;
Os abbades são fortes, elles podem...

GIL VICENTE:

Não temo essa tormenta! o que succede
É não ter nem ceitil; isso que importa?
A corja infame dos immundos bonzos
Afasta-me da corte e a cada instante
Do animo de El-rei! Vis, como ennuchos!
Não ouviste quanto Ayres disse ha pouco?

A TIA BRAZIA:

Eu suspeitava tudo.

GIL VICENTE:

Tu não sabes
D'essa historia a metade! Ha poucos dias

Por convite de El-rei fui ao palacio,
Deos sabe que vontade me levava!

A TIA BRAZIA, *com interesse*:

Contae-me o succedido.

GIL VICENTE:

Foi bem triste
Este serão da corte. Ressumbrava
Monachal gravidade em cada rosto!
Na sala de armas, no espaldar, cercado
De escrúpulos divinos e de monges
Estava El-rei repotreado, mudo.
Tinha na fronte a sombra de uma ideia
Sanguinaria, violenta, que vãs phrases
Dos aulicos abjectos lisongeam;
Querem Inquisição em nossos reinos!
Estava triste El-rei: para alegral-o
Mandou chamar-me. Fui; mal haja a sorte!
Antes porém de apparecer na sala
Entre os pannos de raz, alguns instantes,
Me demorei ali...

A TIA BRAZIA:

O que diriam?

GIL VICENTE:

Ouvi falar de mim e dos meus Autos,
E o que mais doía, do meu filho!

A TIA BRAZIA:

E quem falava assim?

GIL VICENTE:

Era Frei Mendo...

A TIA BRAZIA:

O Confessor de El-rei? que se fazia
Ermitão de dezerta capellinha,
Aonde em romarias e promessas
Ia a mulher de um certo Pero Marques?

GIL VICENTE:

Todo elle!

A TIA BRAZIA:

Conheço o maninello!

GIL VICENTE:

O malvado dizia que eu mandára
Para a India o meu filho, desterrado!
Que elle excedia a luz do meu engenho.
(*Com ar onctuoso, imitando o monge.*)
«Era esse Gil, a flor das esperanças,
«Poeta e apaixonado pela gloria!
«Era bom afastal-o para longe;
«Tornal-o obscuro, e ignorado o nome!
«Com o pretexto de ir servir a patria
«Lançal-o aos riscos do combate; ao menos
«Era um rival que não fazia sombra!»
Eis que os pannos de raz se encrespam, saio,
Já não podia estar mais tempo occulto!

A TIA BRAZIA:

Quem dizia essas cousas?

GIL VICENTE:

Quem? Frei Mendo.

A TIA BRAZIA:

O bom frade! foi elle, o assassino,
Causador da ruina de um fidalgo?
Pois nunca vos falaram de Briteiros?

GIL VICENTE:

Esse velho fidalgo...

A TIA BRAZIA:

O desgraçado
Tinha uma filha: a unica lembrança,
De um passado feliz. Se elle a amava!
Eu, aia de Briteiros, confidente

Escutava os segredos de Dona Alda!
Que puros que elles eram. Foi no templo,
Que Gil, teu filho, a viu, a vez primeira
Ali! Ah, como os anjos saberiam,
Guardar esses mais intimos segredos,
Que em furtivos olhares se trocavam.
Condoí-me da sina do mancebo,
Tinha diante de si o impossivel!
Eu protegi-o sempre; elle era pobre,
E Briteiros de certo não queria
Manchar seus pergaminhos. N'este anceio
Resolveu-se a partir o enamorado;
A India, a India, eschola da nobreza...
Fôra Dona Alda que lhe dera alegre
A ultima esperança! (*Contempla Gil Vicente.*)
Como chora
O coração de um pae quando emmudece.
(*Mudando de tom e interrompendo-se:*)
Ouvi passos agora?

GIL VICENTE:

Não! prosegue.

A TIA BRAZIA:

Nunca mais soube a candida donzella
Novas do seu guerreiro. Anno, após anno,
Tantos galeões da India carregados
Das ricas joias do encantado Oriente:
Só para ella, e sempre, desesperança.
Oh quem vencera aquelle atroz presagio!
Galanteador donzel officioso
Procurou requestal-a, e uma carta
Fingiu, vinda da India: dava morto
O generoso amante. Assim foi facil
Illudir cruelmente uma alma pura!
Nem me fazia já mais confidencias.
Quando deu pela falta da menina,
Não podendo encontral-a, nem ao menos
Quem fosse o roubador, o bom fidalgo
Desesperado, louco de vergonha,
Não mais ninguem o viu. Tambem disseram
Que o tal galanteador o assassinara;
E nunca mais ouvi falar-se d'elle.

(*Ouve-se a distancia a voz abafada de Ayres Rosado.*)

AYRES, *fóra da porta:*

Ora tu, mestre Inigo! Então, que é isso?
Como frade da encrusilhada ficas?

MESTRE INIGO, *de fóra tambem:*

Deixa-me.

TIA BRAZIA, *continuando:*

E era mesmo uma dor d'alma
A desgraça d'aquelle bom fidalgo!
Eu vim abrir aqui esta taverna;
De uma vez, uma pobre rapariga,
N'uma dança judenga atropellada,
Calcada aos pés na procissão de *Corpus*,
Veiu azyllar-se afflicta em minha casa,
Desfallecida, palida, com dores...
Ia em breve ser mãe. Desfigurada,
Pude inda conhecer aquelles olhos
De fogo outr'ora e de chorar magoados;
Os cabellos escuros, mas revoltos!

Contou-me o seu estado, e como fôra
Escarnecido o amor que dedicara
A Dom Brearte. O infame desprezou-a:
Ninguem mais viu Briteiros; affirmaram
Que Dom Brearte assassinara o velho;
Da jurada vingança se eximia
Do modo mais vilão! Tambem disseram
Que elle havia casado; mas a esposa
Para livral-o d'esse crime, em juizo,
Se confessara apenas sua amante!
Escondido nos habitos de monge,
Desviou a justiça. Um sacrificio,
O mais santo, o da honra! Dom Brearte
Abandonou-a e professou. Agora
Sabeis quem é Frei Mendo?

GIL VICENTE:

Mas Dona Alda?

A TIA BRAZIA, *escutando um leve rumor da parte de fóra da taberna:*

Dias depois, o parto da menina;

Fizeram-na abortar tantos terrores.
Para trazel-a á vida era preciso
Matar o filho! a ultima desgraça.
Não quiz sobreviver á sua affronta,
Deu a vida á criança, a esse filho
Que nunca pensou n'ella, e a insulta!

(*A este tempo vem a entrar mestre Inigo, e cae sem sentidos a pouca distancia da porta; Ayres Rosado forceja por erguel-o.*)

SCENA V

Os mesmos, MESTRE INIGO, e AYRES ROSADO.

AYRES ROSADO:

És fraco bebedor; nem já sustentas
O espumante, o generoso! Vamos...

A TIA BRAZIA, *para Gil Vicente:*

Mudemos de conversa.

INIGO, *á parte:*

Tenho o fio
Do labyrintho escuro da vingança.

AYRES, *alto, para mestre Inigo:*

Estás sem côr; esmaecido, como
Se saísses da cova? Vinho! Vinho!

A TIA BRAZIA:

Como acabou o tal serão do passo?
Mas os pannos de raz? Que se dizia?

GIL VICENTE:

Que haviam de dizer? Dizem-no sempre:
Que os Autos são de Juan de la Encina,
E não sei mais de quantas *Confrarias.*
Que eu matei o meu filho! N'este instante
Ergui o reposteiro; enfiado, hirto,

Gélido apparecí, clamando: «Apello
Para vós, Rei senhor!» El-rei tranquillo
Volveu com dôr: «Tereis em mim amparo.»
Depois, como abalado, com sorriso,
Disse para Frei Mendo; «Dae-lhe thema
Sobre o qual phantasie alegre farça...»

A TIA BBAZIA:

E o thema que vos deram?

GIL VICENTE:

O dictado:
Eu antes quero asno que me leve,
Do que um cavallo que derrube.

A TIA BRAZIA:

Sinto
Vosso triumpho já.

AYRES, *para a bruxa:*

E eu n'esta farça

Tenho o papel de *Pero Marques*, esse
Que levava a mulher á capellinha
Do piedoso *Ermitão.* (*Para Gil Vicente*)
Lembra-me agora,
Quem fará de *Ermitão?*

GIL VICENTE:

Não tenho ainda
Quem desempenhe parte tão difficil...

AYRES:

Conheço uma magnifica figura,
Que a faz á maravilha! (*Mestre Inigo levanta a cabeça vagarosamente, como quem espera que o indigitem.*)

GIL VICENTE:

Quem!

MESTRE INIGO:

Eu mesmo.

AYRES, *de parte, a Inigo*:

Pódes pois vêr a farça, que na corte

Se leva brevemente. Nunca os monges,
Nem soberbos abbades enfiaram
Capuz tão bem talhado! Quero ver-te
Como te saes em um serão da corte.

MESTRE INIGO, *tomando o papel:*

Eu vou! (*Para si*) O meu algoz por fim descubro...
O Confessor de El-Rei! Frei Mendo! Alda,
Alda, que vezes quiz dizer teu nome,
Mas a sêde cruenta da vingança
Me embaraçava a voz. Eu posso em breve
Depôr a vida, que me peza tanto;
Devo esconder meu concentrado odio,
Ajudar mestre Gil na desaffronta,
Depois... Meu Deos, alegra-me a justiça!

(*Vem para Gil Vicente, saúda-o respeitosamente e em silencio, ficando por alguns momentos indecisos, como se se conhecessem.*)

ACTO TERCEIRO

O SERÃO DA CORTE

Sala contigua á quadra do Capitulo no Convento de Thomar, d'onde se vê escassamente o que se passa lá dentro.
D'aqui saem as figuras do Auto

SCENA I

GIL VICENTE e PAULA

GIL VICENTE:

A arte, a arte! o alento que me inspira!
Oh minha filha, eu disfarcei o golpe...
Quero vel-os a rirem-se, insensatos,
Sem saberem que riem de si mesmos!
Como elles hãode interromper, corridos,
As gargalhadas, logo que se acharem
Amarrados ao potro do sarcasmo.
Que excellente arma para combatel-os!
O papel de *Ermitão* é um triumpho.

Os goliardos vis, não suspeitavam
Que os buscava de frente. Quantas vezes
Anciado provoquei audaz o repto;
Miseros! applaudiam-me na corte,
Nos serões do palacio; e em segredo
Negavam-me os meus Autos! Chega a hora
D'um duello tremendo, a todo o transe,
Vida ou morte! O ridiculo é minha arma,
Heide enterral-os...

PAULA:

Que allusões encerra
Esta figura do *Ermitão*? Por certo...

GIL VICENTE:

É segredo só meu...

PAULA:

Então quem hade
Descobrir onde vae ferir o golpe?

GIL VICENTE:

Se o hãode conhecer? Quando transido,
Por vêr-se hediondo como o eu retrato,
Em desespero se estorcer, o infame
A si mesmo atraiçôa? Assim, julgando
Ser tempo ainda de salvar-se, hesita...
Não sabe se hade disfarçar a raiva,
E applaudindo comprovar seus crimes!
É então que pertendo derrubal-o,
Dar-lhe o golpe final. Paula! esta farça
É o mais alto esforço de meu estro,
Meu hymno de triumpho, ao ver no inferno
Do ridiculo entrar meus inimigos.
Se me custa deixar a obra sentida
Por ouvidos profanos! Não importa,
É d'este sacrificio que depende
A vingança terrivel. (*Mudando de tom.*)
Ayres chega!
Vem as outras figuras ao ensaio.
(*Corre para elles.*)

SCENA II

Os mesmos, AYRES ROSADO, JOANA, OS JUDEUS CASAMENTEIROS, etc.

AYRES, *rindo-se:*

Não entram d'esta vez na vossa farça
Deoses, nem Diabos da Mythologia,
Inda quê, para nós, esta *Inez P'reira*,
E *Leanor Vaz* nada a dever lhes fiquem.
Eu nasci para isto. Aqui vos trago
Latão, *Vidal*, judeus casamenteiros,
Tambem os *Bailadores* do noivado.
O *Ermitão?* Não sei d'esta figura
Do *Ermitão*... Ou lá, oh mestre Inigo,
Estás aí? Entraes no fim do Auto.
Se quizeres bem podes... (*Faz-lhe signal de beber.*)

GIL VICENTE:

Bravo, Ayres!
Cumpriste o meu empenho! Vamos, filha,

Fazes de *Inez Pereira;* eu por mim finjo
De *Braz da Mota*...

PAULA:

O escudeiro?

AYRES:

Morre
De Arzilla a sete legoas de distancia.

PAULA:

Quem faz de *Pero Marques*?

AYRES:

Pois quem póde,
A não ser eu, fazer do gracioso?
(*Olha para Gil Vicente.*)

GIL VICENTE:

Façâmos outro ensaio aqui! não tarda
Que a sala do Capitulo se abra,
E El-rei não póde estar á nossa espera.
(*Dispõe as figuras.*)

Vâmos! Finge-se agora que *Inez P'reira*,
Filha de uma mulher de baixa sorte,
Muito phantasiosa, está lavrando
Em casa, em quanto a mãe foi ouvir missa.

PAULA, *representando*:

E ella deve dizer:
«Renego d'este lavrar
«E do primeiro que o uzou;
«Oh diabo que eu o dou,
«Que tão mau é d'aturar.»

GIL VICENTE, *interrompendo*:

E ella no seu falar,
Diz que é n'aquella casa,
«Como panella sem asa,
«Que está sempre n'um logar.
«Que é em vida mais que morta,
«Que não é coruja ou corujo,
«Nem tambem um caramujo,

«Que não sae senão á porta.»
N'isto a mãe chega da missa
E vae-lhe louvar a obra;
Mas fica como uma cobra
Logo que vê tal priguiça.

PAULA:

E ella responde agora:
«Praza a Deos que algum quebranto
«Me tire do cativeiro.»
Começa com alto espanto
A altercar furiosa.
Chama-lhe a mãe priguiçosa,
Dizendo, que uma tal fama
Nenhum marido lhe chama.

GIL VICENTE, *para Joana*:

Agora entras tu Joana;
Fazes de *Lianor Vaz;*
E afflicta me contarás

Essa aventura profana:
D'um Clerigo no olival,
Que te derrubou em baixo
Para saber se eras macho,
E isto sem ser por mal!
Depois dizes para *Inez:*
Em nome do Anjo bento,
Eu vos trago um casamento
Que agrada a todas nós tres?

PAULA, *em tom de farça:*

Porém não heide casar
Senão com home' avisado;
Ainda que pobre e pellado,
Seja discreto em falar.

JOANA:

Eu vos trago um bom marido,
Rico, honrado e conhecido,
Diz que em camiza vos quer.

PAULA:

Primeiro eu irei saber
Se é parvo, se é sabido?

GIL VICENTE, *para Joana*:

N'essa carta que aí vèm
Mostrarás o seu amor,
E a discrição que elle tem.

PAULA, *finge lêr. Ri-se*:

Viste mais parvo villão?
Eu nunca tal cousa vi,
Nem tanto fóra de mão!

GIL VICENTE:

Diz a mãe de *Inez* de banda:
«Touca-te, se cá vier
«Pois que para cazar anda,
«Que esta é boa occasião.»

AYRES, *com ár estupido*:

Eil-o que entra *Pero Marques*
Com toda a sua simpleza,
Fala da sua riqueza;
A mãe os deixa sosinhos...
Mas *Pero* quer-se ir embora,
Teme o que dizem visinhos.
Inez já não quer casar
Senão com homem discreto
Que saiba tocar viola,
Cantar, bailar e folgar;
Em fim homem consummado,
Especie de Ayres Rosado.

GIL VICENTE:

Entram *Latão* e *Vidal*
Os judeus casamenteiros,
E tocam nos seus pandeiros
Com graça mui natural.
Vem da festa os *Bailadores*,

Trazem toda a sua frota,
Eis que chega *Braz da Mota*
Outro noivo, outros amores.
Ali casam-no com ella,
Já trata mal a mulher,
E não a deixa sequer
Tomar o sol á janella.

PAULA:

Tal é o thema da farça! (*Para Joana*)
A sete legoas de Arzilla,
Ferido como uma garça,
Cae esse que te quizilla.
Para me dares consolo
Pero Marques aqui trazes,
E o casamento aqui fazes
Outra vez com esse tollo.
Ha muita festa, e então
No meio d'essa alegria
Prometto ir em Romaria
Á capella do *Ermitão.*

GIL VICENTE:

O *Ermitão* onde está?
Oh que presagios sinistros!
Já ouço soar os sistros...
Será El-rei que virá?

(*Corre-se ao fundo um reposteiro que deixa ver parte de um estrado alcatifado, e el-rei que se assenta em seu espaldar; em volta escabellos, frades e varios personagens.*)

SCENA III

Os mesmos. — Vista da Sala do Capitulo ao fundo.

GIL VICENTE, *vendo entrar Paula e pizar o estrado; observa-a com anciedade*:

Que enthusiasmo santo o que a transporta,
Oh que bondade ingenua, e graça meiga!
Ella soffre bem sei. Estas risadas
Hãode magoal-a. Filha... quer salvar-me,

Tornar-me inabalavel o triumpho.
Agora entra Joana... (*Para ella.*)
Vê! Cautella!
Não faças outra vez como fizeste
Já nas CORTES DE JUPITER! Caminha.

(*Joanna salta sobre o tablado com um ar devoto; Gil Vicente continúa attento.*)

MESTRE INIGO, *baixo*:

Verêmos, Ayres, quem melhor agora
Desempenha o papel.

AYRES:

Não fales alto,
Diabo! Apósto já que te não lembras?

MESTRE INIGO:

Tu mentes pela gorja!

AYRES:

Eu, vilão? nunca
Te daria um papel tão importante.
Uma parte como essa!

MESTRE INIGO:

Já te esqueces?
Quem foi que me metteu n'estes apertos.

AYRES:

É verdade! Fui eu. Mas não havia
Quem de *Ermitão* fizesse. (*Gil Vicente vê Ayres distrahido e empurra-o á pressa para o tablado.*)
Ayres, tu perdes-me.

(*Ouvem-se risadas surdas dentro; Gil Vicente e mestre Inigo pensativo.*)

GIL VICENTE, *para si:*

Não sei o que me faz lembrar este homem!
Parece que debaixo d'este aspecto
Ha uma occulta e energica agonia.

(*Como tendo uma ideia subita.*)

Briteiros... Se o fidalgo disfarçado
Um momento procura, o mais solemne,
Para ajuste final! Ali Frei Mendo!
Se elle, em vez de fazer de *Ermitão*, clama,
E vae aos pés de El-rei pedir justiça!

(*Entra para o tablado da Sala do Capitulo. — Vozes de applauso. — Volta, e empurra para dentro o Ermitão. — Sôam risadas estridulas, e vê-se ao fundo passar Ayres Rosado com Inez Pereira ás costas. — Vae-se escurecendo a Sala do Capitulo; as figuras do Auto saem cantando remotamente*:)

«*E assim se fazem as cousas.*»

GIL VICENTE, *encostado-se desfallecido sobre um archibanco*:

O triumpho me prostra. Estou cansado
Já de tanto luctar. Oh que ancia horrivel...

*

SCENA IV

GIL VICENTE e FREI MENDO

FREI MENDO, *contemplando ao fundo:*

Eil-o, e só! Cumpririam a minha ordem?
É o veneno já que o dilacera?

Approxima-se e vê Gil Vicente immovel; a esta palavra — veneno — *o poeta encara-o, e esconde o rosto nas mãos.*

Porque occultas assim a honrada fronte
Da face de Jesus? (*Mostra-lhe um Crucifixo.*)
Oh, não se foge
De um Cordeiro de amor, que é bom e manso.
Elle perdôa tantos desvarios!
O Pastor traz a ovelha nos seus hombros
Perdida do rebanho! Gil Vicente,
De contricção uma palavra ao menos?
Inda podes salvar-te, se quizeres;
Dá-me as tuas Comedias! Um momento
De compunção esquece annos de culpa!

De que te serve a gloria vã do mundo
Comparada aos eternos soffrimentos?
Pelo preço da salvação hesitas?
Tiveste a tua hora de triumpho,
Não longe soará tambem a nossa.
Tu descobriste os planos não sabidos
Com que tentamos conservar mais pura
A lei santa de Christo! Hade o castigo
Seguir-te eternamente: não podemos
Desviar-te a affeição d'El-rei; mais tarde
Revolvidos teus ossos no sepulchro,
Hãode aos ventos do céo lançar-se as cinzas.
Esses Autos, que são o teu orgulho,
Serão dilacerados, decompostos,
Não serão lidos sem licença nossa,
Hãode ficar sem graça, nem sentido.

GIL VICENTE, *erguendo-se*:

Falas-me como a Job no monturo!
Nem percebo o que dizes; bem se nota
Que vens da collação. Ris, desgraçado!

SCENA V

Os mesmos, AYRES ROSADO, MESTRE INIGO

AYRES, *descuidado, a Inigo* :

O que tens que te faz assim tão triste?
Desempenhaste lindamente a parte
Do barbado *Ermitão*... que mais querias?

INIGO :

Ayres, tu ris, tu ris, porque não sabes
As dores lancinantes que se escondem
No coração de um pae! Este desgosto
Já me tem a tal ponto envelhecido!
Não tenho força já para a vingança...
Descobri o malvado! o que perdera
Alda querida... Em vão tento vingal-a...
Burel de monge esse traidor occulta;
Elle é um padre, e nada o prende ao mundo,
Não conhece a alegria d'esta vida,

Não tem filhos!.. não sabe o que é perdel-os.
Mas a morte é tão pouco, e apenas isto
É quanto juro; e que me não sacia!

AYRES:

Torna o vinho a mim tudo côr de rosa,
E tu bebendo calças o cothurno!
Deixa as negras ideias.

INIGO:

Na taverna
Da tia Brazia, lembras-te? uma noite...

AYRES:

Ah, sim! que até caíste com tam pouco...

INIGO:

Pouco, pouco seria? n'esse instante
A visão do passado se me abrira,
A descobrir-me o algoz da pobre filha.

AYRES:

Zombas! que algoz? que filha? tudo contos...

INIGO:

Não conheces da vida a realidade!
Ficam-te bem, rapaz, todas as chufas;
Alma baixa, vilão, filho das ervas.

AYRES:

Defende-te essa edade...

INIGO:

Que fazias?

AYRES:

A quem insulta minha mãe, a morte...

INIGO:

E quem é tua mãe? Dize.

AYRES:

Era... minha...

INIGO:

Pois nunca t'o contou a tia Brazia?
Ignoras tudo.

AYRES:

Por Deos, fala!

INIGO:

Queres
Que va cobrir-te as faces de vergonha?
O que te deve a tia Brazia? A velha
Te accolheu desde a infancia, e até hoje
Te deu sempre agasalho, e tu não pensas!
Santa mulher da via amargurada...

AYRES:

Fala, dize o que sabes.

INIGO:

Tu perguntas
Por tua mãe, ou pela tia Brazia?

AYRES:

Inferno!

INIGO:

E tu sem nunca vêres isto.

AYRES:

Mas diz!

INIGO:

Ayres! aquella tia Brazia
Era a Aia de minha filha, e soube
Quem era tua mãe... Eu vejo, eu vejo
Aqui o algoz d'ella.

AYRES:

Quem.

INIGO:

Frei Mendo.

(*O Monge, avança para o velho, tirando um punhal debaixo do habito; Ayres põe-se diante e arranca-lh'o da mão, desviando com a outra o capuz.*)

AYRES:

Sob um capuz te escondes, Dom Brearte?
Para que abandonaste essa pobre Alda?
No noivado do tumulo te espera...

(*Vae para cravar-lhe o punhal no peito; mas Gil Vicente se aproxima, detendo-lhe o braço.*)

FREI MENDO:

E tu que eras meu filho!..

GIL VICENTE:

Ayres, deixai-o;
Hade o perdão doer-lhe como a morte.

SCENA VI

Os mesmos e um MENSAGEIRO

MENSAGEIRO:

A mecér Gil Vicente El-rei o chama.

GIL VICENTE:

E que demanda El-rei?

MENSAGEIRO:

Quer conferir-vos
As palmas do triumpho, vinde!

GIL VICENTE:

É tarde!..

SCENA VII

AYRES, INIGO e FREI MENDO

INIGO:

Mas nunca é tarde a hora da vingança.

FREI MENDO, *á parte:*

Ir-se d'aqui agora GilVicente,
Quem podia salvar-me! Nem ao menos
Um inimigo que me dê amparo.

AYRES:

Dizes que eu sou teu filho, filho d'Alda?
Foi para desarmar-me. (*Lança o punhal fóra.*)

FREI MENDO:

Oh quanto horrivel
É vêr a morte vir das mãos de um filho!

BRITEIROS, *mostrando-se como era:*

Não te assuste o medonho parricidio!

A mim, a mim a hora de justiça.
Ai quantos annos esperei debalde,
Mas quem porfia mata sempre caça!
Lobo cerval empolga hoje a raposa
Apesar dos ardís. Alda, minha Alda,
Alegra-te da campa no sudario,
Dom Brearte vae morto de saudades...
Demorêmos o golpe; eu quero, quero
Saborear o desejado trago...

(Frei Mendo confrange-se para fugir-lhe, desprende-se; Briteiros segue-o.)

AYRES, *seguindo:*

Deixemol-os a sós. Oh, ninguem ouse
Perturbar o destino que se cumpre.
Sintovo zes e musicas lá dentro,
Chega El-rei, junto d'elle Gil Vicente!

(Sae.)

SCENA VIII

DOM JOÃO III, GIL VICENTE, os Fidálgos da corte

DOM JOÃO III:

Lembra-me, Gil Vicente, d'esse tempo
Dos serões tão falados, que animaste
Com tuas graças faceis, repentinas.
El-rei Dom Manoel era faustoso,
Não havia consorcio de princeza,
Nem donzeis que se armassem cavalleiros,
Nem galeão partindo para a India,
Que te não convidasse para um Auto.
Tambem abrilhantaste o meu reinado!
Quando a peste grassou, tu nos seguiste
E distrahiste os animos quebrados;
Os teus Autos então nos deram vida,
Deram-nos riso, e o riso traz coragem!
Estás velho e cansado; ainda o fogo
Da inspiração te anima inteiro e vivo.
Escreve-me outra vez de *Pero Marques!*
Eu quero dar-te um premio dos teus feitos,
Pede, fala, tens tudo o que quizeres...

VOZES, *dentro:*

Um assassino! O assassino! Agarra...

GIL VICENTE, *á parte*

Morto... acaso Briteiros se ha vingado?

(*Ruido. El-rei e Gil Vicente voltam-se para verem.*)

Vista ao fundo de uma Egreja. Briteiros segura-se ás grades, procurando azyllo, Ayres defende-o da multidão:

A TIA BRAZIA, *d'entre a turba:*

A justiça de Deos não mede o tempo!
Vêde! o padre que aí está morto por terra
Perdeu a filha d'esse bom fidalgo.

VOZES:

Santa mulher! A Bruxa! Pobresinha.

EL-REI, *aproximando-se*:

O que são essas vozes? Quem foi morto?

GIL VICENTE, *seguindo-o:*

O vosso Confessor...

EL-REI:

Morto Frei Mendo?..

GIL VICENTE:

Por ter perdido a filha de Briteiros...
Senhor! de tudo quanto quereis dar-me,
Só pesso a liberdade para o velho.

DOM JOÃO III, *hesitando:*

Isso dou; mas de mim não tens mais nada;
É quanto pedes, para mim é tudo.

(*Sae a multidão; Briteiros tambem parte. O rei não chama o poeta.*)

GIL VICENTE, *só:*

Heide ser pobre até ao fim da vida;
Mas tenha um dia o coração alegre.

POETA POR DESGRAÇA

DRAMA

FIGURAS

Pedro Garção
Dona Maria Salema
Padre Antonio Delphim
Dr. Sequeira
Theotonio G. de Carvalho
Coronel Mac-Bean
Lady Mac-Bean
Julio de Sand
Uma criança
Carcereiro
Aguasís

Em Lisboa, no tempo do Marquez de Pombal.
Em 1772.

ACTO PRIMEIRO

Um quarto pobre mobilado ao gosto do seculo XVIII.—A um lado uma poltrona proximo de uma porta que dá para o interior da casa; ao outro uma meza com papeis e livros, junto da porta de uma alcova.—Porta ao fundo e janellas lateraes. É dia.

SCENA I

GARÇÃO e JULIO DE SAND

GARÇÃO:

Eu vivo mergulhado na miseria,
Rodeado de filhos! sem, ás vezes,
Ter n'esta casa com que mate a fome
Ás crianças que choram! Passo a vida
Em funda obscuridade trabalhando;
Mas do trabalho insano apenas sinto
Os espinhos, que a flor levou-a o vento
Da desabrida angustia. É um trabalho
Para o futuro — um livro! — Oh nem teria
Em mim já forças para resignar-me,

Se eu não tivesse uma mulher heroica
Que não sabe queixar-se! Ella tem medo
De me fazer soffrer; e esconde as lagrimas,
Para não perturbar essa alegria
Infantil dos meus filhos! N'esta casa
Reina santa alegria; rimos sempre
Só para não entristecer os outros.
Ninguem advinha assim nossa indigencia.
A que trago estas cousas? Não repares...
Dize que ideia tambem hoje turba
Tua alegria habitual? Entraste
Tão melancolico, enfiado!...

JULIO, *com indecisão:*

Venho...

Pedir o vosso auxilio.

GARÇÃO:

Um pae te escuta.

JULIO:

Talvez que o sabereis... eu amo a filha
Do Coronel Mac-Bean.

GARÇÃO:

Queres que fale
Ao Coronel? É bom e honrado amigo;
Eu posso convencel-o...

JULIO:

Vem já tarde:
Negou-me o Coronel a mão da filha!

GARÇÃO:

Mas do que disse pode arrepender-se;
Era a unica filha! Elle por certo
Quer fazer a ventura dos amores.
(*Julio deixa pender a cabeça com ar triste.*)
Que tristeza tão intima te punge?
Fala, dize o que has feito! Um pae te escuta,
(*Toma-lhe uma das mãos.*)

JULIO:

Um *não* tornou o meu amor mais vivo;

Venci tantas perigos para vel-a!
Quando tudo dormia, quantas noites
Falavamos de amor, a sós, e a mêdo,
Tendo o céo estrellado, silencioso
Por unico docel; e a fresca brisa
Por nossa confidente! No delirio
De mil aspirações, que nos fugiam,
Já de tanto sonhar doirados sonhos,
Já de cansados, uma vez, caímos!
Do seu jardim a tapetada relva
De thalamo aromatico servira.
Mas, da ira do pae quero salval-a!
Ah, como? Se ella vae ser mãe em breve!
Hoje escreveu-me, e pede instantemente
Ao meu amor que a salve da ruina.
Quem me pode valer?

GARÇÃO:

Sómente a honra!

JULIO:

Meu tio!

GARÇÃO:

Tens com que passar a vida
Em muito honrada, mas feliz pobreza!
Portanto escreve para que abandone
A casa de seu pae!

JULIO:

Inda hoje mesmo?

GARÇÃO:

Como quizeres! Falo e justifico
Ao Coronel a fuga, e espero ainda
Congrassal-o depois com sua filha.
Será para mim esse um dia alegre!

JULIO:

Ai, tenho a mente tão preoccupada,
Que nem posso ligar duas palavras;
Meu tio, dae-me a norma de uma carta,
Se vos não custa! E vou já entregal-a;
Não ha tempo a perder, só d'este modo

Tiro-a das mãos do pae crú, irascivel.

(*Garção levanta-se da poltrona e dirige-se á meza onde escreve.*)

SCENA II

Os mesmos e o PADRE DELPHIM

O PADRE DELPHIM, *com jovialidade*:

Oh Garção! Da-me cá um grande abraço!
Esqueceu-me hontem dar-te boas novas
Com que por certo folgarás? Não penses
Que do Marquez te trago algum despacho,
Pois que lê a respeito de poetas
Pela cartilha de Platão, que os punha
Bem longe da Republica.

GARÇÃO:

Então, dize
Padre Antonio Delphim! Vejo-te alegre,
D'uma alegria doida...

PADRE DELPHIM, *suspenso*:

Vê se advinhas!

(*Tira a caixa do rapé.*)
Uma pitada; assim talvez decifres
Mais depressa o enigma. É um Outeiro
Em Chellas ámanhã, com luminarias
Na eleição da abbadeça! Como sempre,
Levo a minha rabecca; finalmente
Vás tu, e vão da Arcadia outros poetas
Glosar os motes vindos do mirante.
Hade ser um diluvio de poesia.
Hão de chover sonetos com mais pompa
Do que na elevação da Estatua Equestre.

GARÇÃO:

Um Outeiro poetico!

PADRE DELPHIM:

Um torneio
Em que a poesia exalta a formosura!

Oh! se amanhã não haverão bons motes!
Até a filha do Marquez de Alorna,
A quem Filinto denomina Alcipe,
Uma decima musa para muitos,
(Cá para mim é uma das tres graças!)
Hade ganhar triumpho glorioso
Sobre os nossos poetas! Já de rimas
Fui arranjando largo sortimento,
Para fugir da inspiração do acaso!
Ella que é tão bonita... bem conheço
Que tu me não extranhas estas cousas
Cá na bocca do padre... Mas eu vejo
Que estás triste! Garção, diz que mysterio
Ou que dor tens na vida, que a escondes
Do amigo mais intimo?

GARÇÃO:

Falaste-me
Agora em Dona Leonor de Almeida,
A filha do senhor Marquez de Alorna;
Não sabes, meu Delphim, quando me lembra
D'essa familia a desgraçada sorte,

Quanto a meus olhos não se avulta o crime
Do ministro de El-rei?

PADRE DELPHIM, *compungido* :

Só por suspeitas
Do fatal attentado! tantos golpes!
É bem certo o que dizem, que o ministro
Tem cabellos no coração. Li hontem
Uma Epistola tua, regalou-me!
É a *Fala do Duque de Coimbra*,
Querendo os portuguezes levantar-lhe
Estatua pelo justo e bom governo,
O que não consentiu! Ali descubro
Delicada allusão com que fustigas
A vaidade do busto do Ministro.
Mas se elle chega a lêr aquelles versos!

GARÇÃO:

Antes não os tivesse escripto. Aonde
Leste a Epistola? eu dei somente a copia
Ao Coronel Mac-Bean; é meu amigo.
Não me pode trahir.

PADRE DELPHIM:

Nem tambem pode
Fazer mal o Marquez por que escreveste
N'um momento feliz.

GARÇÃO:

Vieste a tempo...
Meu sobrinho.... Falemos em segredo.

(*Retiram-se para um lado da scena e falam alguns instantes.*)

O PADRE DELPHIM, *atalhando*:

Oh não penses mais n'isso. Quero eu mesmo
Abençoar do santo amor os laços;
Heide eu mesmo casal-os! eu os trouxe
Ambos ao collo, quando pequeninos!
Eu vou tratar de tudo agora... (*Para Julio*)
Vamos!

(*Garção aproxima-se do sobrinho e entregua-lhe a carta que tinha fechado insensivelmente.*)

SCENA III

GARÇÃO, sentado na poltrona, abatido pela doença;
DONA MARIA, entrando.

D. MARIA, *afflicta*:

Elle sem vir!... Demora-se hoje tanto!
Não reparaste que o Doutor Sequeira
Não vem já com aquella assiduidade?
Será por que te julga com melhoras?
Não?

GARÇÃO:

A melhor!...

D. MARIA:

Meu Deos! pois não me falas.
Ah! sentes-te outra vez encommodado?

GARÇÃO:

Para que assim te affliges? D'esse modo

Aggravas mais o acerbo soffrimento
Que vae minando o espirito. O corpo...
Basta ouvir a chorar com fome os filhos,
Ou vel-os para o céo erguerem olhos
Sem saberem queixar-se, e adormecerem...
Vêr eu assim a carne d'esta carne!
Nem me quero lembrar d'isto. Distrae-me,
Não me deixes pensar tanto na vida.
Mulher, deixa-me ouvir tuas palavras,
Presentir a esperança n'um teu riso;
Choras? Por que não fazes o que peço?

D. MARIA, *á parte:*

Que lhe posso eu dizer que o não afflija? (*Alto.*)
Aqui tens os teus livros. Algum d'elles
Te dê consolações que em mim não tenho.
(*Lança mão de um livro.*)

GARÇÃO:

Abre ao acaso!

D. MARIA:

O livro dos teus versos.

«Epistola ao Doutor Evangelista.» (*Lendo.*)

GARÇÃO, *á parte:*

E logo n'essa pagina! não lêas.

D. MARIA, *lendo descuidada:*

«Mas de poeta, amigo, só me restam
«Desastres e miserias, filhos rotos.»

GARÇÃO:

Filhos rotos! — Soltando essa verdade,
Soffria tanto, mais talvez que nunca,
Mas tinha uma esperança. Confiava
Na integridade do Marquez. Tu choras...
Acabemos com isto assim, não lêas;

D. MARIA:

Que vida!

GARÇÃO:

Por que te entristeces tanto?

D. MARIA, *sobresaltada:*

Não ouviste chorar? Pobre criança,
Acordaria já?

GARÇÃO:

Descança.

D. MARIA:

Eu tremo;
Para o não vêr chorar adormeci-o,
Talvez que o somno o alimente. E dorme!
Contemplei-o n'esse extasi innocente,
Brando sorriso lhe animava a face,
Onde tenue esperança se debuxa.
Julgava-me feliz tendo-o a meu lado,
E não tirava os olhos do seu berço.
Por um como poder de extranho encanto
Adormeci ao lado do meu filho;

Sentia o respirar debil, cansado,
E escutava o segredo indefinido,
Que os seraphins, que o somno seu lhe guardam,
Com sua alma, e a sós, confidenciam.
Sonho terrivel de repente enubla
A celeste visão. Affigurou-se-me
Ouvir de subito eccoar em casa
O nome do Marquez; depois entrarem,
E insultarem-te os homens da Justiça,
E de mim separarem-te e dos filhos...
Eu sem saber para onde te levavam!
Foi então que acordei, porque sentia
O innocente chorando. Que loucura?
A criança dormia a somno solto.
Já viste um sonho assim, mais caprichoso?
Como ajuntei o nome do Ministro
A tanta desventura que em nós peza?
O Ministro não é já teu amigo?...

GARÇÃO:

Já meu amigo? dizes tu...
*

D. MARIA:

Não ouves
Chamar por mim? acordaria agora?

GARÇÃO, *escutando:*

Não é elle! Receias que desperte.

D. MARIA:

Pois se não tenho que lhe dar! não temos
Um pedaço de pão... Não sentes passos?
Será elle que vem? não tendo força
Para chamar por mim... alevantou-se.
Eu sem ter que lhe dar!

GARÇÃO:

Oh não te afflijas.

D. MARIA, *asserenando-se:*

É o Doutor Sequeira!

SCENA IV

Os mesmos e o DOUTOR SEQUEIRA, entrando

GARÇÃO:

Oh Doutor!

DR. SEQUEIRA, *sorrindo*:

Sempre

Ri com vontade agora! Quem havia
Eu encontrar? Aquelle bom patusco
Padre Antonio Delphim!

D. MARIA, *chegando uma cadeira*:

O Padre Antonio?

DR. SEQUEIRA:

Encontrei-o; e disse que aqui vinha.
Nunca vi bom humor como o d'este homem!
Nada o molesta, tudo o regosija,
Anda sempre contente. É companhia (*reparando.*)
Muito precisa n'esta caza.

GARÇÃO:

Ha tempo,
Não vem passar a noute á Fonte Santa.

DR. SEQUEIRA:

O mais bonito é que o vi, eu mesmo,
De rabeca escondida sob a capa.
D'onde viria elle? Ora imaginem:
De uma boda de noivos, onde fôra
Cantar modas francezas em duetto
Eguaes ás de *L'Abbé*, de quem se ria
O bom do Tolentino. (*Pucha a boceta.*)
Uma pitada.
(*Para Garção.*)
Se a Horacio o rapé não fosse extranho,
Dedicara por certo o Venusino
Á nova pythonissa a melhor Ode.

GARÇÃO, *tomando a pitada*:

Se extranho lhe não fosse? Já Filinto

Demonstrou ter annunciado o vate
O uso da pitada n'este verso:
Et omnis copia narium, — que se encontra,
Como o Doutor já viu, na Ode quinze
Que vem no livro...

DR. SEQUEIRA, *atalhando*:

Sim, livro segundo.
Até, Garção, com melhor côr o acho!
E o caldo das Farinhas de Sam Bento?..

D. MARIA:

Tem-no tomado sempre ás mesmas horas;
É tempo agora. (*Sae.*)

DR. SEQUEIRA, *vendo o relogio*:

Sim, póde trazel-o,
É a melhor occasião.

SCENA V

GARÇÃO e o DOUTOR SEQUEIRA

DR. SEQUEIRA:

Amigo,
Tenciono escrever-lhe outra receita;
Talvez a ultima, oxalá? caminha
Com melhoras notaveis. Mas cautella,
Que o tempo, o tempo não está de graças.

GARÇÃO, *apprehensivo*:

Oh diga-me, Doutor, não tem falado
Ao coronel Mac-Bean? não apparece
Por cá ha tanto tempo!

DR. SEQUEIRA:

Se elle sabe
Que o amigo carece de uma esmola!

GARÇÃO:

Não é por isso que me não procura!
Longe de mim pensar...

DR. SEQUEIRA:

Não o conhece!
Mas falar mal do proximo não quero;
É do Evangelho! (*Ergue-se.*) Vâmos á receita.
(*Caminha para a meza e emquanto escreve a receita põe ás escondidas debaixo do papel alguns dobrões.*)

SCENA VI

Os mesmos e D MARIA, trazendo o caldo.

D. MARIA:

Quem me dera aqui vêr o padre Antonio!
Queria perguntar que lhe fizemos?
Não apparece n'esta casa.

DR. SEQUEIRA:

O homem
Anda agora em ensaios com o Talaia;
Quer ir improvisar n'aquelle Outeiro
Do abbadeçado em Chellas.

GARÇÃO:

Que me conta!

DR. SEQUEIRA:

E o melhor é que aspira a um presente...

SCENA VII

Os mesmos e o PADRE DELPHIM

PADRE DELPHIM, *atalhando:*

E tenho cá meus visos de certeza
De ter bom doce.

D. MARIA, *surpresa:*

O senhor Padre Antonio!

Graças a Deos, que a final se mostra.

PADRE DELPHIM:

Não pensei que o Garção era doente!
De manhã encontrei Doutor Sequeira
Foi quem m'o disse; e disse-me egualmente,
Que á minha calva fez bastos sonetos,
E decimas tambem!

DR. SEQUEIRA:

Que bom assumpto!

O PADRE DELPHIM:

E que assumpto melhor do que esta calva,
A reverenda calva! Uma pitada.

DR. SEQUEIRA, *batendo na boceta:*

Quem me dera, Delphim, a tua vida!

Quando eu gostava mais d'esta conversa,
É que me lembra uma doente... (*Ri-se*) Padre
Adeos! (*Indo a saír, detem-no á parte o Padre Delphim.*)

PADRE DELPHIM:

Mas quem é essa tal doente?
Tão apressado estás!

DR. SEQUEIRA:

Não é segredo,
É Lady Mac-Bean, que...

PADRE DELPHIM, *interrompendo:*

Tenho entendido.

DR. SEQUEIRA, *saíndo:*

Não sei quem tanto diz a este padre.

PADRE DELPHIM, *maliciosamente;*

Adeos, Adeos! (*Dona Maria sae levando o caldo.*)

SCENA VIII

PADRE DELPHIM e GARÇÃO

GARÇÃO:

Ai meu Delphim, não sabes
Em que estado me deixa esta doença!
Vêr Maria a meu lado silenciosa,
Toda banhada em lagrimas, e em roda
Os tristes filhos a gritar com fome!
Por não poder tambem chorar, sorria;
Mas que riso era aquelle! era o resumo
Das blasphemias que impelle a dor aos labios.
Ai, nunca duvidei da Providencia!
Se eu ao Marquez thuribular soubesse,
Poderia contar com melhor sorte;
Sei que elle espera a occasião sinistra
Para estender por sobre mim seu braço...

PADRE DELPHIM:

Porque? então...

GARÇÃO:

Suppõe que eu ando unido
A um partido que feroz combate!

PADRE DELPHIM:

O varão justo, que a vareda trilha
Da constante virtude, não receia,
Não teme o sobrecenho dos tyrannos.
Ri-te com isso! Vae fazendo versos
Á minha calva, e não te importe o mundo.

GARÇÃO:

Já que de versos me falaste, tira
Dois sonetos d'aquelle bolso...

PADRE DELPHIM:

Feitos

Talvez á minha calva? Estimo vel-os.

GARÇÃO:

Esses levou-os o Doutor Sequeira.

PADRE DELPHIM, *trazendo-os:*

Encontrei-os.

GARÇÃO:

Entrega, este soneto
A Theotonio Gomes de Carvalho.
Um dobrão de seis mil e quatro centos
Aí lhe peço...

PADRE DELPHIM:

Eu vou já procural-o.

GARÇÃO, *continuando:*

Pois bem vês, n'esta casa...

PADRE DELPHIM, *continuando:*

Ha-de accudir-te.
A quem queres que leve o outro soneto?

GARÇÃO:

A Francisco José Freire; aí peço
Um bote de tabaco.

PADRE DELPHIM:

Eu volto em breve.
(*Sae.*)

SCENA IX

GARÇÃO e D. MARIA

GARÇÃO, *distrahido:*

Como hoje se alevanta o sol esplendido!
Com elle a vida, a agitação que anima

A cidade opulenta que ha passado
Por um tremendo cataclysmo, e se ergue
Como o Lazaro morto ao *surge et ambula!*
Ella ergueu-se risonha, como Diana
Do banho; como a phenix que renasce!
É donzella gentil, namoradeira,
Veiu á beira do Tejo debruçar-se,
Abrir o seu regaço aos estrangeiros.
O sol vem levantando-se brilhante,
E com elle a grandeza d'este emporio.
(*Entra D. Maria desapercebida.*)
Eu sinto uma voz intima a dizer-me
Que eu nada verei d'isto. Pois a morte...
Se não fosse o refugio da desgraça?

D. MARIA:

Porque estás a scismar sempre na vida?

GARÇÃO:

Na vida? E ha quem chame a isto vida!
Uma voz chamando de dentro:

SCENA X

Os mesmos e uma CRIANÇA

D. MARIA:

E sem ter que lhe dar! E' elle.

GARÇÃO:

O filho!

D. MARIA:

Ah, se o padre Delphim viesse, ao menos...

A CRIANÇA, *indo para a mãe:*

Já não gosta de mim? Papá... um beijo.

GARÇÃO, *beijando:*

Pobre filho.

D. MARIA:

Se o padre Antonio viesse!

Por ventura trará algum dinheiro?

GARÇÃO:

Confia inda uma vez na Providencia.

A CRIANÇA:

Não vâmos almoçar? é já tão tarde.

D. MARIA:

E' verdade! tão tarde já. Não sabes?
Vem comnosco almoçar o senhor Padre;
Vae tu brincar emquanto elle não chega.

A CRIANÇA, *tirando-se d'entre os braços do pae, vae para a meza:*

Eu quero ir escrever. Eu já escrevo
O seu nome, papá...

GARÇÃO, *indo a abraçal-o:*

Ah, filho, filho!

*

A CRIANÇA, *revolvendo os papeis bole com o dinheiro que aí deixara o Doutor:*

Aonde está a penna?

GARÇÃO, *vendo o dinheiro*:

A Providencia!

D. MARIA, *tomando o dinheiro*:

O Doutor cá deixou este dinheiro!
Esquecer-se-hia? Mas guardal-o, quando...
Quando este filho... eu vou matar-lhe a fome!

GARÇÃO:

Mas a honra? De tal opprobrio agora
Só o padre Delphim póde livrar-me.
(*Sae D. Maria com a criança. Mudando de tom:*)
Algum novo desastre!

SCENA XI

GARÇÃO e LADY MAC-BEAN

LADY MAC-BEAN:

Involuntario.

GARÇÃO, *admirado:*

Lady Mac-Bean aqui!

LADY MAC-BEAN:

Para salval-o!

Ainda é tempo.

GARÇÃO:

Mas de que? Salvar-me!

LADY MAC-BEAN:

Sim! dos ferros de El-rei.

GARÇÃO:

E quem aos ferros
De El-rei me entrega?

LADY MAC-BEAN:

Oh sim, meu Pae!

GARÇÃO:

Não creio!
Velho amigo...

LADY MAC-BEAN:

Pelo Marquez comprado.

GARÇÃO:

Impossivel!

LADY MAC-BEAN:

O golpe o certifique!

GARÇÃO:

Em que offendi o Coronel?

LADY MAC-BEAN:

Não póde

Lembrar-se da villeza a que não desce!

GARÇÃO:

Perseguem-me!

LADY MAC-BEAN:

Dos homens a justiça.

GARÇÃO:

Para que heide temel-a, se conservo
A consciencia firme.

LADY MAC-BEAN:

Fuja! é tempo.

GARÇÃO:

E os filhos?

LADY MAC-BEAN:

Aproxima-se a justiça!

GARÇÃO:

Estão francas, abertas minhas portas!

LADY MAC-BEAN:

Sois innocente, mas saí depressa.

GARÇÃO:

Eu innocente? O crime que me imputam?...
Fugir! Mas para onde, se vós mesmo
Me daes por innocente!

LADY MAC-BEAN:

Instante horrivel!

Hesitaes? é matar-me. (*Corre á janella*)
É tempo ainda!
Meu Pae vem para aqui a dirigir-se,
Com elle officiaes de alta justiça...
Fugi!

GARÇÃO:

Seria o eu fugir da honra!

SCENA XII

Os mesmos, CORONEL MAC-BEAN, AGUASIS

CORONEL, *para a filha*:

Tu aqui!

LADY MAC-BEAN:

Aqui só para salval-o!

O CORONEL:

É certo o que eu pensava!

LADY MAC-BEAN:

É baixo o insulto!
Bem sei o ajuste do Marquez; a magoa
Será quando souber que é illudido,
Que serve de instrumento do Ministro
N'uma vingança pessoal.

O CORONEL:

Retire-se.
(*Aos Aguasis.*)
Levem-me esse homem preso. Ordem expressa
Dada pelo senhor Marquez!

SCENA XIII

GARÇÃO, os AGUASIS e D. MARIA

GARÇÃO:

Se ao menos,
Theotonio Gomes, ou Delphim viessem!

D. MARIA, *apparecendo:*

Um instante!

UM AGUASIL:

Aqui nada de demoras;
Ha ordem de marchar!

GARÇÃO, *para a mulher:*

Traz o meu filho.

D. MARIA, *indo buscar o filho:*

Soltou-se em breve um sonho tão funesto!

UM AGUASIL:

Vamos d'aqui! Nós não queremos choros;
A caminho! Não temos despedidas,
Temos que andar, o Limoeiro é longe;
Se quer á força!....

GARÇÃO, *deixando-se levar:*

Acabem de matar-me.

D. Maria, alguns instantes depois traz o filhinho pela mão até ao meio da scena

A CRIANÇA:

Aonde está o meu papá?

D. MARIA:

Levaram-no.

ACTO SEGUNDO

Um carcere no Limoeiro.—Grade ao fundo.—A um lado
uma enxerga sobre a qual está o poeta recostado.
Um carcereiro varrendo. É dia.

SCENA I

DONA MARIA e THEOTONIO GOMES, das grades

DONA MARIA, *olhando para dentro*:

Elle dorme.

THEOTONIO GOMES:

Talvez que inda se possa
Remediar tudo.

D. MARIA:

Mas qual é o crime?

THEOTONIO GOMES:

Falam todos de — uns versos que feriram
O orgulho do Marquez. Como era baixo
Prender o poeta por um tal motivo,
Contam que a mando seu urdira a intriga
O Coronel Mac-Bean.

D. MARIA:

Esteve ha tempo
O Coronel jogando em nossa casa.

THEOTONIO GOMES:

Não se lhe pode hoje falar. — Saiâmos;
Vamos pedir a El-rei a liberdade
Do seu marido, do infeliz poeta.

O CARCEREIRO, *deixando de varrer, e fitando o preso que parece adormecido:*

Eu penso agora no que tenho feito

Soffrer a este pobre! E sem ter bocca
Para queixar-se dos meus duros modos.
A principio deixava vir meu filho
Fazer-lhe companhia, distrahil-o;
Gostava d'elle tanto, pois lembrava-lhe
Os seus que estão gemendo na miseria.
Muitos fidalgos querem vêr o preso,
Mas ninguem entra; é ordem que me deram.
Depois de tantos annos d'este officio,
É o primeiro de quem tenho pena.
Muitos homens aqui gritam, ameaçam,
Amaldiçoando a hora em que nasceram.
Este infeliz, não sei como se chama,
Sempre calado, e de cabeça baixa,
Só diz: Minha mulher, meus pobres filhos!
Escreve, escreve ás vezes. E quem sabe
Se tem n'aquillo ainda uma esperança!
Esperança? De que? E o meu agouro?
Será elle o primeiro a saír vivo
D'esta escura masmorra? Se elle ouvisse?

SCENA II

Os mesmos, e THEOTONIO GOMES, das grades

THEOTONIO GOMES:

Deixas-me entrar para falar ao preso?

O CARCEREIRO:

Mas se o sabem, senhor!

THEOTONIO GOMES:

Toma esta bolsa,

E não deixas de ser por isso honrado!

O CARCEREIRO, *acceitando:*

E se o disserem ao senhor Ministro?

THEOTONIO GOMES:

Nada receies. Abre a porta; vamos.

CARCEREIRO:

Mas o preso inda dorme!

THEOTONIO:

Não importa.

GARÇÃO, *levantando a cabeça:*

Meus pobres filhos! a miseria! é tudo
Que me resta da vida.

THEOTONIO, *entrando:*

Atroz verdade.
A constante virtude em si conheço!
Amigo! não carece de conforto...

GARÇÃO:

Meu bemfeitor, aqui! É isto um sonho
Da louca, tresvaliada phantasia?
Sinto o calor das suas mãos benignas;
18

A placidez das falas que consolam!
Um abraço! Meu Deos; não tenho força...

THEOTONIO:

Como está demudado do que era;
A palidez lhe desfigura o rosto!
Como estes outo mezes lhe minaram
Uma existencia a todos tão querida!

GARÇÃO:

Noites e noites de contínua insomnia;
Tristes recordações me hão macerado
O rosto, o fraco espirito alquebrando!
A toda a hora uma visão me assusta...
Parece que de longe estou ouvindo
Gemidos de uma esposa, rodeada
Das crianças rotinhas e com fome,
E sem vêrem seu pae. Sei que os amigos
Dedicados, trabalham quanto podem,
Mas dos ferros de el-rei não me libertam.

Nada conseguirão, pois que o Ministro
É implacavel sempre na vingança.
Nem dos mais infelizes sou; Gonzaga
Lá foi morrer pelos prezidios d'Africa,
E devo eu revoltar-me contra a sorte?

THEOTONIO:

Como está macilento! Não parece
Aquelle bom Garção, cantor da calva
De Delphim?

GARÇÃO:

Como está o padre Antonio?

THEOTONIO:

O mesmo sempre. Elle advinhou logo
O nó da intriga, esse odio do Ministro.
Hontem falou com o Marquez; não soube
O que disseram lá; certo é que o padre
Veiu sorrindo. Tenho confiança

No valimento do Diniz, e agora
Vou falar ao Ministro, adeos!

O CARCEREIRO, *saíndo tambem:*

Calluda!

SCENA III

GARÇÃO:

Quem me havia dizer, quando sonhava
Na gloria e no futuro, que viria
Findar a vida em fétida masmorra!
Não ha golpe que desarmado encontre
Impassivel philosopho; elle sabe
Resignar-se calado! Mas eu tenho,
Senhor, um coração que a dor retalha.
É de força chorar, e já não posso...
É redobrado soffrimento! Horrivel!
Senhor, as santas lagrimas nos destes,
Porque as tiras na hora da agonia?

(*Fica alguns instantes silencioso; depois levanta-se na enxerga e continúa:*)

Tira a abelha das venenosas flôres
Suave mel que o paladar enleva;
Eu das bôas acções — dos filhos de Eva
Só côlho insultos, tiro dissabores!

Torna o trovão que infunde mil terrores
Sereno o ár, do céo dissipa a treva;
Eu com obras em que a alma se me eleva
Mudo amigos em meus perseguidores.

Quem sabe aonde para o soffrimento!
Deos é bom, Deos é pae, elle conhece
Porque me envia a mim tão dura prova.

Em mim a força exhausta desfallece,
Só me vem dar alivio um pensamento:
É que ao menos descançarei na cova.

Meu Deos, que sina! é um inferno a vida,
Porque outra provação quereis que eu passe?
Estendestes a mão, tocando o corpo,
Não esqueci os vossos beneficios!

Consentistes que torturassem a alma,
Confiei na misericordia vossa.
Se é possivel, Senhor, rasgue-se a folha
Do livro do futuro onde escrevestes
Tantas tribulações. Vêde, sou fraco;
O lampejo da vida em mim se extingue!
Não posso luctar mais; sinto desejos
De cuspir a irrisão e o sarcasmo
Sobre esta sociedade tumultuosa,
Que enfia a toga de juiz a um lobo,
Um assassino, que sob ella esconde
O crime hediondo; que do lar me priva;
Que ás trevas da enxovia me arremessa,
Pela unica lei de um rancor baixo!
Esqueceu a justiça, apesinhou-a,
Para assim commetter a atrocidade
Contra mim só, que estava desarmado,
Contra mim que soffri calado tudo,
Para vêr se deixava illeza a honra!
Eu possuia esse unico thezouro,
Herança dos meus filhos! Que mais tinha
Que podesse deixar? Isso roubaram!

SCENA IV

GARÇÃO e DONA MARIA

D. MARIA:

Alfim ninguem me impede de abraçal-o!
Quero entrar. Aqui trago esta licença.

CARCEREIRO, *abrindo a grade:*

Se é ordem superior...

GARÇÃO, *á parte:*

Quem me procura?
Ninguem conheço; a vista não me ajuda.

D. MARIA, *indo para o abraçar:*

Em que estado eu encontro o meu marido!

GARÇÃO:

Dona Maria! és tu?

D. MARIA:

A boa nova

Venho trazer-te; brevemente chega

Alvará de soltura. Fui eu mesmo

Pedir a el-rei a tua liberdade.

GARÇÃO:

O Ministro?...

D. MARIA:

A palavra de el-rei...

GARÇÃO:

Nada

Vence o odio que me jurou vingança.

Onde estão os meus filhos?

D. MARIA:

Quiz trazel-os

Mas, tão rotinhos... que nem me atrevia...
Adormeci-os para vir sem medo.
Perguntam sempre pelo pae; não sabes
Como custa a trazel-os n'este engano....

GARÇÃO:

Os desgostos corroem-me a existencia!
Presinto que de nada me aproveita
Esse perdão de el-rei. Perdão? dizia
Mas de que culpa? Isto acaba cedo.
Não sentes estas mãos como estão frias?
O coração não bate.

D. MARIA:

Crê e espera!

SCENA V

Os mesmos, THEOTONIO GOMES e o DR. SEQUEIRA

THEOTONIO:

Conseguimos por fim vêr um amigo.

DR. SEQUEIRA:

Um amigo, depois de longa ausencia;
Mas vel-o assim! Desculpe-me estas lagrimas.

THEOTONIO GOMES, *entrando na prisão:*

A origem d'este odio do Ministro
É ridicula farça, que se muda
Talvez n'alta tragedia de cothurno.

DR. SEQUEIRA, *proximo do prezo:*

Já o padre Delphim me disse o caso;
Custa a crêr.

GARÇÃO:

Por onde anda o padre Antonio?

THEOTONIO GOMES:

Sempre no paço. Está continuamente
A pedir ao Marquez...

D. MARIA:

Se não fosse elle,
Os filhinhos...

DR. SEQUEIRA, *tomando o pulso ao poeta, depois de lhe vêr pender a cabeça:*

Garção? Garção! Não fala;
Tão frio!... Morto o infeliz poeta!

THEOTONIO:

Doutor Sequeira!

GARÇÃO, *caíndo lentamente:*

Levem-na comsigo.

SCENA VI

Os mesmos e o PADRE DELPHIM

PADRE DELPHIM:

Morto, morto o Garção?

THEOTONIO GOMES:

Chega já tarde...

DR. SEQUEIRA:

O perdão?

THEOTONIO GOMES:

Sim.

PADRE DELPHIM:

Eu não o trago ainda;
Não faltaram instancias, tudo embalde;
Estava inabalavel!

D. MARIA:

Que destino!

THEOTONIO, *levando-a*:

Vâmos d'aqui falar com o Ministro.

SCENA VII

PADRE DELPHIM, DR. SEQUEIRA

DR. SEQUEIRA:

Veja, padre, como esta nossa terra
Galardôa o talento! A maior parte
Da Arcadia teve um premio similhante.
Quero falar, não posso! não sei mesmo
Que dôr extranha o coração tortura.
Eis aí despenhada na miseria
Uma familia, victima de um odio.
Eu heide dar publicidade á — FALA
DO DUQUE DE COIMBRA; e os vindouros
Hãode julgar mais nobre esta vingança.

SCENA VIII

Os mesmos e o CORONEL MAC-BEAN

CORONEL MAC-BEAN:

Venho aqui por mandado do Ministro!
A Ordem de soltura trago ao poeta;
Esteve lá chorando a pobre esposa,
Não sei que disse, quiz porem que eu fosse
O portador... Ninguem acceita? Morto...

PADRE DELPHIM:

Coronel Mac-Bean! para que insulta
Na morte aquelle que prezára em vida?
Respeite este logar sagrado. Saia!

O CORONEL MAC-BEAN:

Fui algoz, sem saber, do meu amigo!
Ah queria salvar a minha honra,
Não comprehendí dedicação tamanha!
Fil-o expirar nos ferros. O Ministro
Fez de mim instrumento da vingança.
Sou infame! O que devo fazer?

(*Entram Julio de Sand e Lady Mac-Bean, e ficam silenciosos.*)

O PADRE DELPHIM:

Cumpra
A vontade final do desgraçado;
Congratule-se, abrace aquella filha,
E fica para sempre perdoado.
Que heroismo da honra e da virtude!

(O Coronel volta-se e dá com sua filha; abraça-a com o noivo chorando.)

DR. SEQUEIRA, *vindo á bocca da scena e levantando do chão o Alvará:*

Só quando o Marquez soube que o poeta
Estava morto... Ah, se eu pudesse rir-me!..
É que lhe manda a Ordem de soltura.

VERTIGEM DO INFINITO

POEMA

19

I

Silencio de uma noite estrellada e silenciosa. Vigilia.

O POETA:

Que noite! oh erma alampada,
Oh muda confidente!
Á tua luz tão palida
Esta alma geme, sente.

Pois como a mariposa
O brilho teu não ama?
Assim a alma se abraza
Do amor na eterna chamma!
Eil-as! milhões de estrellas
Bordando a immensidade;
Oh quem, sósinho ao vel-as,
Scismar, sentir não hade?

Levadas mansamente
Na onda que as envia,
Vaga no espaço a mente
Suspensa na harmonia.
Quem sabe os mil segredos
Das lubricas espheras?
Ou lêr a côr das eras
No musgo dos fraguedos?
O pensamento altivo
Se eleva a Deos, não pára!
Domina a tempestade,
Escuta o côro extranho
De espiritos rebeldes!
Vê despenhar-se a rocha
Ferida pelo raio;
E a flor que desabroxa
Á luz do sol de maio.
Ouve o cedro que verga,
E o vento que bafurda,
E a onça que se alverga
Na furna escura, surda.
Escuta o mar que ruge

Na voz de ao longe e ao perto,
E a chuva que restruge,
E a mudez do dezerto.
E vê baquear em terra
Os idolos das gentes;
E o clarim que aterra
Os esquadrões frementes;
E vôa a toda a parte
No raio d'essa luz;
Dá forma ao sonho — é a Arte,
A vida em si traduz!
Só elle se remonta,
Perscruta o fundo abysmo,
Abrange a immensidade,
Afunda-se no vacuo;
Aspira e a eterna sede
É aguia que o devora!
Que importa a argila fragil?
Não ser eu mais do que homem,
A quem persegue a neve,
A ríspida nortada,
A duvida, a agonia!

Que noite! oh erma alampada,
Oh muda confidente!
Á tua luz tão palida
Esta alma geme, sente.

—

As nuvens poisam sobre
O pincaro do monte;
Estreita-se o horisonte
E a noite tudo cobre.

Mergulho-me nas trevas
Da noite e absorto scismo!
E ás bordas do abysmo
Oh alma, mais te elevas?

Ai contra Deos meu braço,
Meu braço é fraco e inerme;
Fulmina o ignoto verme,
Ajax, pois te ameaço.

Não sei dizer que sinto
Ao vel-a orar contricta,
Assim *bianco vestita*
Do templo no recinto:

«Que amor oh lua, anhelas?
«Teu brilho porque o alastras,
«Do templo entre as pilastras,
«Nas gothicas janellas?

«Eu n'alma reconcentro
«Do templo as harmonias,
«Que, amor, de lá me envias,
«Que envias lá de dentro.»

Fique-te a dor apenas,
As lagrimas estanca,
Nuvem ligeira e branca,
Véo tenue que me acenas.

De Deos se o nome nego,
A minha pobre vida

É nau que anda perdida
Do mar no escuro pégo.

A face empalidece!
Porque? moça e menina
Ao vir do sol me ensina
Do Deos de amor a prece!

Psalmo do incredulo

Oh, quem és tu, a cuja vista os montes
Nos fundamentos duros estremecem,
Que te invocam por Deos?
Que trazes sob os pés redemoínhos
De nuvens de um palor caliginoso,
Nas azas de escarcéos?

Que das narinas fumo espesso de ira,
De indignação exalas, e na bocca
Tens vulcão que incendêa?

Cuja voz são trovões que o mundo atrôam,
Cujo olhar é relampago frequente,
Que pelo ar voltêa?

São tuas settas raios que se cruzam
Nos espaços, fendendo com assombro
Horrivelmente os céos?
Alegra-te, oh mortal! o teu repouso
Não o perturba o estrépito medonho,
Não existe esse Deos!

Sim, o meu Deos é outro! eu o contemplo
No fundo da minha alma quando exulta,
E sinto-o todo amor!
No canto da avesinha, ao vir do dia,
No ciciar da brisa, ao fim da tarde
Eu te adoro Senhor?

Nos perfumes da flor que o prado esmalta,
No deslizar da fonte que suspira,
Contemplo o teu poder!

No orvalho matinal, no ardor da sesta,
E no quebrar da vaga que o sol doira
Apprendo mais a crêr!

Tempestade nocturna e violenta. Rimbombam a espaços os trovões. Escuridão asboluta.

MEPHISTOPHELES, *apparece:*

Que mais queres de mim? não te hei rasgado
O véo do templo? Pede! O que?

O POETA:

Mais mundos!

MEPHISTOPHELES:

Arrebatado em espirito, até onde
Não tens ido? Tocaste na Arca santa,
E o sagrado terror não te fulmina!
Revelei-te a Arte núa em seus encantos,
Não te deu ella o beijo mais divino?
Queres agora a purpura do genio?
A tunica inconsutil onde jogam
O teu porvir a duvida, a desgraça?

O POETA:

Não! só quero o amor, o amor sómente.

MEPHISTOPHELES:

Tu que és rei na altivez da intelligencia,
Egual a Deos, e creador! me evocas
Do bárathro sombrio a teu serviço,
Quando podes fazer surgir do abysmo
De fecunda e vistosa phantasia
Um typo ideal, o teu amor! Poeta,
Cae sobre ti da inspiração o orvalho;
Deixa que as cordas da harpa mysteriosa
Percorra o teu delirio. Cae em terra,
Louco adorando a creação brilhante,
Como diante da estatua o artista grego.
Hade o mundo imitar-te! achar um nume
Em ti, ao vêr uma alma mais perfeita.
Já te amostrei Helena, Dido, Sapho,
Almas errantas, soltas, confundidas
Na penumbra do mundo antigo. Enlaça

Com o cinto das graças, com poesia,
Amor, a leda infancia e a belleza,
Que Deos hade invejar a tua obra.

O POETA:

Faltas ao pacto nosso!

(Ouve-se uma gargalhada fria.)

MEPHISTOPHELES:

Insaciavel,
A sêde do infinito te devora!
Prazeres, a sciencia do passado,
A visão do futuro, o absoluto
Ante os teus olhos pávidos puz tudo.
Queria que caíndo me adorasses!
Hoje cansado da existencia aéria,
Saturado do esplendido banquete,
Onde tu és o abutre e o cordeiro,
Revoltas-te! Descrês da minha força,
Desprezas-me, como uma vã chimera!

Os relampagos cruzam-se. Vozes confuzas como de uma orchestra remota.

Ah! como o pacto nosso aqui recordas,
Eu rompo as cataractas do empyreo,
Mergulho-te na enchente da poesia,
Que me pedes?

O POETA:

Não sei! O que te peço?...
Oh deixa os pobres reis vergar ao pezo
Dos diademas de ouro que os apertam;
Aos bravos, deixa aos bravos seus triumphos,
Aos sacerdotes o altar, o embuste,
Aos deoses os terrores, o inferno,
O estertor, e o ranger de dentes...
Não quero nada d'isso! Que o califa
Embalado nos sonhos do propheta
Beba a volupia das hurís nos braços!
E aos cortezãos devassos as entranhas
Retalhe o amfião de pérfidos amores!
Para mim — só a mulher! Eu quero...
O real, o real: o vêl-a, como

Na primeira manhã do paraiso,
Temerosa, falando face a face
Á divindade augusta! presentindo
O regosijo immenso em que antevira
No futuro a progenie indefinida,
Na cadeia dos seres, elevar-se
Até ao céo d'onde ha caído, e unir-se
De novo a Deos! Quero só isto.

MEPHISTOPHELES:

É muito.

O POETA:

Eu quero erguer-lhe o véo d'essa candura,
Mas não é para mim! beber-lhe o riso,
Trespassar-me de olhar mais eloquente,
Extasiar-me com falas pequeninas,
Fazel-a ideal, e dal-a á humanidade.
Prometheu! Prometheu! mal pode a argila
Palpitar sem o fogo que se rouba,
Embora a algema dura me una á rocha,
Á carne, com que o verbo se faz homem!

Erga-se esta aguia, que me roe faminta
Sobre o gélido leito de granito.

A tempestade rebenta com mais ruido—O furacão imita coros de finados, e á luz vermelha de um corisco a alampada se apaga. As trevas visiveis

MEPHISTOPHELES:

Dou-te tudo. Consumme-se este pacto!
Quantos annos me dás da curta vida?
Bem vês, é muito!

O POETA:

Eu dou-te o que me resta.

Ouve-se o concerto alegre dos espiritos diabolicos.

II

Mephistopheles leva o Poeta para mostrar-lhe Frederica, uma dozella pura, arrebatadora, para elle amar.

MEPHISTOPHELES:

Se a visses á janella
Cuidando em seu bordado!
Pudesses, como eu, vêl-a
De traz do cortinado!

Se a visses pensativa
Com a mão firmada ao rosto,
Ingenua sensitiva
Que é languida ao sol posto!

Quando modula ás vezes
Uma aria favorita...
Se um dia em muitos mezes
É palida e afflicta!

E os aneis dispersos
Do nítido cabello?
O seio, o mais que em versos
Não podes tu dizel-o?...

Se visses isto tudo
N'um hymeneo de graças,
Ficáras talvez mudo,
Mas olhas, ris e passas.

E quando meio occulta
Com magico recato,
No véo a mão lhe avulta
A maciando o gato?

Ou quando ao vir da aurora,
Em alva toalha envolta,
Ao espelho se namora,
E olhar lascivo solta?

O POETA:

Eu amo-a muito, muito,
E então n'estes momentos,

A mim mesmo pergunto
Quaes são meus pensamentos?

MEPHISTOPHELES:

E se á janella, triste,
Vem pôr sua gaiola?
Se vem deitar alpiste
No comedouro á rola?

O POETA:

Ai rôla! quem pudesse
Gosar os teus carinhos;
Que a vida me parece
Um thalamo de espinhos!

MEPHISTOPHELES, *mostrando-a:*

Cativa a pobre arrulha,
Com peito a angustias dado;
E a dona move a agulha
No lépido bordado!

O POETA, *vendo Frederica:*

Eu vêjo-a sempre esquiva
A angelica visinha;
Ai dor! a alma é cativa
Talvez como a avesinha.

Vem descendo a noite lentamente.

O POETA, *a Mephistopheles:*

O cyclope do dia
No espaço a luz entorna,
Como um martello espalha
Faíscas da bigorna.

Da noite na mortalha
Se envolve moribundo,
Thuribulo que arde,
E em trevas deixa o mundo.

*

E quando o sol á tarde
Dardeja alem na serra,
Parece o ingente dedo,
Que impõe silencio á terra!

Esta hora é do segredo
Que as trevas me vem dar;
Tambem é da ardentia,
Se está sereno o mar!

Amor, melancholia
Me inspira sempre esta hora;
Pois que a costura n'ella
Deixaes tambem senhora...

E vindes á janella
Radiante de candura,
Como a primeira estrella
Do céo em noite escura.

Mephistopheles leva o Poeta, e mostra-lhe Frederica, costurando distrahida. O seu gato brinca junto d'ella:

O POETA:

Quando á tarde te assentas á janella
A costurar,
Sobre a cassa a mãosinha, alva como ella,
Deixas mirar.

Como brinca o teu gato! é gosto vêl-o
Brincar assim:
Se do regaço teu cae o novello,
Com frenesim,

Elle o toma e o lança pela esteira;
Depois... com dor
Cuido, ao vêl-o brincar d'essa maneira,
Vêr nosso amor:

Porque abrazado n'esta ardente sêde,
Pedem meus ais
A gota de agua! a rir me dizes — vêde —
E escondes mais.

Ao gato de Frederica

O POETA:

Gósto de vêl-o, com fingido somno
Todo ás caricias que lhe faço alheio;
Vêl-o deitar-se, como em abandono,
Sobre meu collo e conchegar-se ao seio.

Gósto de vêl-o no jardim correndo
Leve apoz ave que fugiu de vêl-o,
Quando deitado ao sol que vem nascendo
Lambe, amacía o variegado pello.

Sempre brincando quando o sol é nado,
Não pára ao menos quando o sol definha,
Dando lições de amor sobre o telhado,
Lá no casal da magica visinha.

Mephistopheles leva o Poeta ao eirado de Frederica, que o espera anciosa.

O POETA, *entrando no quarto e vendo-a*:

Que noite e que sitio! nas horas remotas
Do vago silencio, do meigo luar,
Nem d'Ossian a virgem nas praias ignotas,
De formas mais alvas que a espuma do mar...

Dormia tranquilla,
Sonhando talvez;
E vinha tingil-a
Mortal palidez!

O vento, de subito, as nuvens espessas
Da face da lua dispersa no céo!
Eu vi-a! Lembraram-me as nossas promessas
Ao vêr alvos seios a arfar sob o véo.

Sorrindo n'essa hora
Dizia tambem:
Tão longa demora,
Tão tarde! não vem?

Não quiz acordal-a! quem ha que desperte
Um anjo esquecido dos céos por amor?
Mas eis se alevanta, vae languida, inerte,
Cendal branco e longo lhe occulta o palor!

E as formas? nas dobras do véo transparente
Destacam-se, ostentam-me incertos perfis!
Vae linda, ao piano sentar-se indolente,
Dedilha frenetica; a nota amor diz.

Trementes sons vagam
Nas mudas soidões:
Minha alma embriagam
Fataes tentações.

Fascina-me o abysmo! que importa? a meu lado
Se auréola angelica a vem defender!
Sentada ao piano percorre o teclado,
E os sons, hora e sitio me fazem perder.

Nos braços a aperto,
Magnetico ardor!
Mas novo concerto
Se escuta, é de amor!

Que noite ligeira! rebenta-me a corda
Cantando o delirio da ingenua vestal!
Aperto-a nos braços, somnambula acorda,
Sorri-se... e em meus braços se inclina a final.

III

O POETA, *recebendo um beijo de Frederica:*

Mulher! porque amas tanto? quem te obriga
A depôr a meus pés tua innocencia?
És a flor que se esvae toda em perfumes,
E que ao calor da sesta se emmurchece;
Não me beijes assim! eu sou de neve,
Sou idolo de bronze, altar sangrento,
O holocausto sagrado não me abranda!
Sou olympico nume e tu Seméle...
Tenho medo de amar-te! é impossivel.
Inferno! pois que sinto? o que me agita,
Vendo-te a mim tão candida enlaçada,
Como hera ao fraguedo? Se entendesses
Que mysterios confusos ha cá dentro
Esta brutal frieza perdoáras:

Turva-te, espelho do sereno lago,
Esvae-te aroma da purpurea rosa;
Abraza-te indiscreta mariposa
Na luz funerea do brandão aziago.

Esvaéce-te, oh sonho aério, vago!
Que val, que importa amor? esta alma anciosa
Paira absorta na onda harmoniosa,
E tem da lyra em cada nota o affago.

Do puro Ideal é ella a confidente,
De Deos as obras a egualar se atreve,
Dá vida á Galathea, a estatua sente.

Fôste a illusão de hora! hora tão breve...
Fôste a vertigem de estonteada mente;
Meu fogo destruiu-te — eras de neve.

MEPHISTOPHELES, *apparecendo e interrompendo o segredo:*

Poeta! se na tua mente formas
Typos do bello, tens no imo d'alma
Tanto amor para dar-lhes, tanto fogo!
Oh salva essa donzella! uma palavra,
Nem isso? um beijo só que ao céo a eleve.
Não lhe acceitas o osculo mavioso?

Dou-te de Hamlet a mascara, afivela-a,
Deixa sonhar Ophelia em seu delirio!
Tu que sabes crear, imita um dia
O riso de Don Juan, venho ensinar-t'o.

GOETHE, *volta a face á donzella, para responder a Mephistopheles. Frederica julga-se desprezada e desfallece:*

Deixa-me! és tu culpado do assassinio.
Déste-me azas tão frageis para erguer-me,
Ao remontar-me, achei-me solitario
Na solidão do espaço. Ia subindo,
Fez-me a luz baquear na espessa treva.
Perscruto o abysmo sempre, e lá no fundo
Sempre o nada a final! Fôste malvado
Deixando-me tocar ousado o pômo
Vedado da sciencia. Cada instante
Que avanço ou retrocedo — só e triste
Me encontro em toda a parte.

MEPHISTOPHELES, *rindo:*

É esse o enigma;
Passaste, e ao achal-o indecifravel,
Ias andando e devorou-te a Sphinge.

Succumbes, pobre athleta,
A dor teu peito esmaga?
Mas diz voz solta e vaga:
Levanta-te, és poeta.

FIM.

INDEX

Preliminar. . . . . v — VIII

A Sombra do Propheta. 1–38

Samyaza 11–21–29

Infancia de Homero. 39–50

Arabesco de uma janella gothica. . . . 51–56

O Bravo de Uiraçába 57–146

I Tentação no deserto 61

II Os piratas do largo. 79

III Descolorida. 117

IV Noite escura da alma 133

Auto por desaffronta. 147–226

I As Novas da India. 149

II Na taverna da Tia Brazia. . . . 169

III O serão da Corte 197

Poeta por desgraça. 227–287

I Acto 229

II Acto 268

Vertigem do Infinito. 289–316